

os OLIVEIRAS



COLEÇÃO
GRANDES
MISSIONÁRIOS
E PIONEIROS
NAZARENOS
NO BRASIL



VIDA E PREGAÇÃO DE
**José Zito Oliveira e
Zilta Rocha de Carvalho Oliveira**

www.missionariosnazarenos.pro.br

s a n d r o
HAYAKAWA

To English short version, please open the book by the other cover



Rev. José Zito Oliveira e
Profª. Zilta Rocha de Carvalho Oliveira
Maio de 2002

OS OLIVEIRAS:
vida e pregação de
José Zito Oliveira e
Zilta Rocha de Carvalho Oliveira

coleção
grandes missionários e
pioneiros nazarenos
no Brasil
volume 1

Sandro José Hayakawa Cunha

Brasília
BRAZIL
2 0 0 7

Copyright © Sandro José Hayakawa Cunha

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em qualquer sistema de recuperação de informação para fins comerciais.

Uso livre para fins acadêmicos e pessoais, com a citação da fonte.

Concepção e projeto gráfico
Ctrl_Alt_Design (José Cunha)

Capa
Tales de Barros Paes e
Ctrl_Alt_Design

Revisão
Tales de Barros Paes (português)
Arlete Barros (inglês)

Editoração eletrônica
Gráfica

Coordenação editorial
Sandro José Hayakawa Cunha

Fontes
Times New Roman e Arial

Papel
Offset 75g/m2 e 250 g/m2 (capa)

Autor
Sandro José Hayakawa Cunha é
Teólogo pela Faculdade Teológica
Batista de Brasília, onde
atualmente cursa o Mestrado.
Especializou-se em “Christian
Leadership” pelo
Haggai Institute nos Estados
Unidos.
Na vida secular, é Economista e
pós-graduado em Políticas
Públicas e Gestão
Governamental.
Pastor auxiliar da Igreja do
Nazareno Central de Brasília
designado para o ministério de
ensino, desde 2001 dedica-se à
formação de líderes de células.
É casado e pai de uma filha.

CUNHA, Sandro José Hayakawa.

Os Oliveiras: vida e pregação de José Zito Oliveira e Zilta Rocha de Carvalho Oliveira. / Sandro José Hayakawa Cunha. Brasília: [s.n.], 2007. -- (Grandes Missionários e Pioneiros Nazarenos no Brasil; v. 1); 160 p.; il.; 15x21cm.

Este volume é composto de duas partes. A primeira é em português e termina na p. 112. A segunda, que começa na contra-capas, é a versão reduzida em inglês da primeira parte.

Título em inglês: The Oliveiras: The life and preaching of José Zito Oliveira and Zilta Rocha de Carvalho Oliveira.

Título da série em inglês: Great Nazarene Missionaries and Pioneers in Brazil.

ISBN: 978 - 85 - 906714 - 0 - 4

1. Biografia – teologia prática. 2. Biografia – teologia pastoral. 3. História eclesial. I. Cunha, Sandro José Hayakawa.

CDU 929:24:25:28:27
CDD 922

Dedicatória

Aos que tiveram coragem de responder:
eis-me aqui, envia-me a mim!

Principais colaboradores deste volume

Rev. José Zito Oliveira
Prof^a. Zilta Rocha de Carvalho Oliveira
Rev. Luiz Carlos Rocha Oliveira
Rev. Humberto de Carvalho Oliveira
Ruth Ormindá de Carvalho Oliveira Kreniski
Rev. Eduardo de Carvalho Oliveira
José Carlos Oliveira

Apresentação da Coleção

“Ó Deus, cada geração anunciará à seguinte as coisas que tens feito, e todos louvarão os teus atos poderosos”
(Salmo 145.4 - NTLH)

MILHARES DE PESSOAS hoje confessam o Senhor Jesus Cristo como o seu Salvador e congregam nos templos da Igreja do Nazareno no Brasil. Isso é resultado do trabalho evangelístico iniciado pelos missionários e pioneiros nazarenos há quase cinquenta anos.

De certa forma, isso também é a resposta do Senhor Jesus Cristo à oração que o Rev. Earl Elwood Mosteller fez no início dos trabalhos, conforme registrado no seu Diário (*Brazil Diary*):

“13 de Outubro de 1958. Ontem nós tivemos um culto na casa dos irmãos Stegemoeller e hoje fizemos uma festa em nossa casa para comemorar o jubileu de ouro (pelos cinquenta anos) da nossa amada Igreja do Nazareno. Contando as crianças, nós éramos somente doze, mas com Deus, somos a maioria. Quando a Igreja do Nazareno no Brasil celebrar os cinquenta anos dela, esperamos que o avanço seja comparável ao da nossa Igreja geral” (Campinas, SP).

A coleção Grandes Missionários e Pioneiros Nazarenos no Brasil é resultado de pesquisas histórico-biográficas sobre os primeiros anos das missões nazarenas no país. Os livros desta coleção registram, em edições Português-Inglês, a obra dos missionários e pioneiros na ordem cronológica em que eles chegaram ao Brasil. A primeira parte da coleção, relativa aos que vieram nos anos cinquenta, estará completa até 2008, ano em que será comemorado o centenário de organização da Igreja do Nazareno e o cinquentenário dela aqui.

Esta coleção tem o propósito de glorificar ao Senhor Jesus Cristo da seguinte forma: 1º) registrar o trabalho missionário nazareno no Brasil; 2º) homenagear os missionários e os pioneiros, as suas esposas e os seus filhos; e 3º) inspirar a nova geração de pregadores, pastores e missionários.

Os próprios missionários que ainda estão vivos, as esposas e os filhos foram os principais colaboradores das pesquisas. Outros missionários e pastores que acompanharam o ministério deles também colaboraram. O Centro de Formação Missionária da Igreja do Nazareno no Brasil (Campinas) e o *Nazarene World Mission Department* (Kansas City, EUA) prestaram seu apoio com informações e orientações. Por fim, também foram consultados os livros e as apostilas publicados sobre a história da Igreja do Nazareno e de suas missões.

O *web site* complementa esta coleção. Por meio dele, os interessados poderão obter informações estatísticas, ler artigos e esboços de sermões, visitar as galerias de fotos, imprimir os livros (*download*) ou ouvir o conteúdo deles por meio do *audiobook*. Visite hoje:

www.missionariosnazarenos.pro.br

Por fim, ao mesmo tempo em que alcançamos aqueles três propósitos desta coleção, também colaboramos para a manutenção e a divulgação dos valores e propósitos essenciais da Igreja do Nazareno.

Os volumes da Coleção relativos aos missionários e pioneiros nazarenos dos anos 50 são:

- Nº 1 – Os Oliveiras – Vida e pregação de José Zito Oliveira e Zilta Rocha de Carvalho Oliveira
- Nº 2 – Os Mostellers – Vida e pregação de Earl Elwood Mosteller e Gladys Marie Parker Mosteller
- Nº 3 – Os Gates – Vida e pregação de Charles Wise Gates e Roma Joanne Gates
- Nº 4 – Os Dentons – Vida e pregação de William Ronald Denton e Sarah Ellen Byrd Denton

Depois de uma grande vitória,
“disse o SENHOR a Moisés:
Escreve isto para memória num livro e repete-o a Josué”
(Êxodo 17.14a)

Prefácio

PROFESSORES, PASTORES E TEÓLOGOS costumam pregar e ensinar sobre mansidão, perseverança, equilíbrio. Falar sobre esses temas é relativamente fácil, mas quando somos exigidos a vivenciar tais itens, falhamos e descobrimos que entre a teoria e a prática há uma diferença substancial.

Ao conviver com o Rev. José Zito e a Profª. Zilta, descobrimos verdadeiros exemplos de vidas dedicadas a Deus, à família e à sociedade. Não no campo da teoria, da abstração, da subjetividade, mas na prática podemos ver as suas numerosas qualidades. Passaram por inúmeras experiências – boas e más - e sempre mantiveram a mesma postura ao longo dos anos.

Respeito, admiração e amizade são apenas alguns dos sentimentos que nutrimos por este casal. Certamente a leitura do livro nos ajudará a firmar nossos valores pessoais em ética, ponderação, equilíbrio, tão ausentes dos relacionamentos humanos na sociedade moderna.

No mundo Cristão atual, onde o comércio e as indulgências evangélicas parecem tomar conta e invadir as igrejas, vemos no Rev. José Zito e sua família pessoas comprometidas com o Evangelho. Nunca foram mercadores da Palavra, estiveram sempre dispostos a obedecer ao ide de Jesus, nunca perguntaram quanto seria o salário, experimentaram o viver pela fé.

Não podemos remover os marcos antigos. Quando alguém como o autor toma a iniciativa de trazer à nossa memória os heróis da fé da atualidade, ficamos com o coração sossegado, certos de que a Obra não ficará estagnada e de que os valores bíblicos serão preservados.

Sinto-me enormemente honrado em poder falar sobre a vida dos Oliveiras e tenho plena convicção de que este empreendimento ajudará o leitor a firmar seus valores cristãos e éticos.

Rev. Pedro Paulo Ferreira de Matos
Diretor de Área - Brasil Sul
Igreja do Nazareno

Sumário

| | |
|--|-----|
| Dedicatória e Principais colaboradores | v |
| Apresentação da coleção | vi |
| Prefácio por Rev. Pedro Paulo Ferreira de Matos | ix |
| Sumário da vida ministerial | xii |
| Homenagem poética por Alessandro Piantino | xiv |
| 1. Os primeiros anos | 15 |
| 2. A viagem para a Argentina | 23 |
| 3. A chegada ao Brasil | 29 |
| 4. O ministério nas Igrejas do Nazareno em Barroca e em Alto dos Pinheiros | 37 |
| 5. A família | 43 |
| 6. O ministério na Igreja do Nazareno em Sobradinho | 51 |
| 7. Brasília no início da sua construção | 61 |
| 8. O ministério na Igreja do Nazareno em Sagrada Família | 65 |
| 9. O ministério na Igreja do Nazareno em Asa Sul | 71 |
| 10. O ministério na Igreja do Nazareno em Jardim Leonor | 83 |
| 11. O ministério após a aposentadoria | 95 |
| 12. Breve carta a um jovem pastor | 109 |
| Referências bibliográficas | 110 |
| 2ª Parte – versão resumida em inglês (outra capa) | 124 |

Sumário da vida ministerial

| | |
|------------------------------|--|
| Nome: | José Zito Oliveira |
| (data de nascimento) | 16 de dezembro de 1922 |
| Naturalidade: | Ribeira Grande, Ilha de Santo Antão, Cabo Verde |
| Filho e nora | José Carlos Oliveira e Filomena Oliveira (esposa atual) |
| netos e bisnetos | Christopher e Janice (filhos de José Carlos e Ana) Jovan e Jasmine (filhos da Janice) |
| Igreja de origem: | Igreja do Nazareno em Santo Antão, Cabo Verde |
| Chegada ao Brasil: | 11 de Julho de 1956 |
| Esposa: | Zilta Rocha de Carvalho Oliveira |
| (data de nascimento) | 28 de fevereiro de 1934 |
| Naturalidade: | Simonésia, Barra de São Simão, Minas Gerais, Brasil |
| Filhos, noras, genro e netos | Luiz Carlos Rocha Oliveira e Josiane Rúbia Crecci Oliveira Kariany e Filipe Liberato Humberto de Carvalho Oliveira e Suzelena de Fátima Serrano Henrique e Leonardo Ruth Orminda de Carvalho Oliveira Kreniski Júlio César Kreniski Victor e Júlio Eduardo de Carvalho Oliveira e Ana Paula Tauber de Andrade Emily |

Homenagem poética

Igrejas: Igreja do Nazareno em Barroca (Pr. Auxiliar)
(datas) De Outubro a Dezembro de 1959
Igreja do Nazareno em Alto dos Pinheiros
De 1960 a Março de 1962
Igreja do Nazareno em Sobradinho
De Abril de 1962 a 1966
Igreja do Nazareno em Sagrada Família
De 1966 a 1968
Igreja do Nazareno em Asa Sul
De Março de 1968 a Agosto de 1983
Igreja do Nazareno em Jardim Leonor
De Agosto de 1983 a Setembro de 1992

Aposentadoria: 7 de Setembro de 1992, em Campinas, São Paulo

Celebração de 50 anos de Brasil: 11 de Julho de 2006

Função atual: Capelão pastoral do Distrito Centro-Oeste, Brasil

Igreja atual: Igreja do Nazareno em Asa Sul
(membrosia)

SONETO DE VIDA

A vida que estimo em seu elo de sina
Marca a história com força e vitória
Tantas conquistas: o amor e a memória
Daqueles que esmeram sua disciplina

Com o vento que corre da campina
Sopro lento, leve de eterna glória
Formam-se nuvens em dedicatória
Por sua fé – construtora de colina

Resultado dos frutos da Oliveira
Pelas pegadas, marcas de Zézito
São os filhos as suas cordilheiras

Vida repleta do amor infinito...
Corrente de Cristo – em ti cachoeira
As puras águas do seu rio bonito

Alessandro Piantino

Os primeiros anos

O REV. JOSÉ ZITO OLIVEIRA nasceu em 16 de dezembro de 1922, na cidade de Ribeira Grande, na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, que na época era colônia de Portugal. Seus pais foram Manuel Bartolomeu Oliveira e Maria Piedade Pires Oliveira. Ao todo, a família tinha quatro filhos: Antônio Manoel Oliveira, Idalina Maria Oliveira Rodrigues, João Nito Oliveira e José Zito Oliveira. Além desses irmãos, eles tinham um meio-irmão, Lauro Jorge Oliveira, nascido no Brasil, numa época em que seu pai morou por aqui.

A infância do Rev. José Zito foi tranqüila sem que nada de excepcional a tivesse marcado. Tudo corria no ritmo normal de todos os seus parentes e conterrâneos. Uma vez ou outra, a família passava por alguma dificuldade que era inerente à própria vida e ao ambiente das ilhas de Cabo Verde. Um exemplo disso foi uma época de seca prolongada nas ilhas. A situação chegou ao extremo e milhares morreram. Da infância, porém, ficaram na memória dele as marcas alegres das brincadeiras com os seus amigos e as lições aprendidas na escola.

A família Oliveira tinha uma característica toda especial: não adorava imagens. Apesar de viverem em uma comunidade católica e de freqüentarem essa igreja, a família mantinha-se à parte dessa prática. Essa característica da cultura religiosa familiar marcou a vida do Rev. José Zito significativamente. Quando ainda era criança, ele era chamado de “protestante” pelos seus coleguinhas, pois nunca adorou imagens. Isso é particularmente curioso por que, naquela época, não havia qualquer igreja evangélica na ilha de Santo Antão.

Os seus pais também tinham por costume ler a Bíblia quase que diariamente. Na verdade, o Sr. Oliveira não era nem católico, nem crente. Na verdade, aquela família era formada por cristãos genuínos. O fato marcante é que, desde criança, o Rev. José Zito foi conduzido ao conhecimento da Palavra de Deus pelos próprios pais.

Passada a infância, veio a adolescência com uma nota triste. Nessa época, seu pai faleceu. A juventude, por sua vez, despertou novos interesses. Embalado pelas amizades, com o seu ímpeto e curiosidade por coisas novas, tomou gosto pelas festas, sua maior diversão, e pelos bailes, que compensavam os dias de trabalho árduo.

Naquela época, os jovens tinham obrigações apenas com a escola e com o serviço, geralmente ligado ao campo. Essa limitação era decorrente da característica da própria ilha. No arquipélago de Cabo Verde, cada ilha tinha a sua própria vocação econômica. Enquanto a ilha de Santo Antão era voltada para a agricultura, por possuir a maior pluviosidade do arquipélago, a ilha do Sal era vocacionada para a pesca e para a produção de sal, por exemplo.

A ilha de Santo Antão é a mais montanhosa do arquipélago. Um certo francês que por lá passou disse que “nessa ilha a subida é para o céu e a descida é para o inferno”. Pode parecer estranho, mas mesmo com muitas serras escarpadas, que alcançam mais de 1900 metros de altura, a vocação agrícola da ilha se destacou. Isso foi possível por que, nos planaltos da parte central das cordilheiras, o clima é fresco e úmido, o que favoreceu a agricultura. Ali os vales verdejantes eram cobertos por inúmeras árvores frutíferas: coqueiros,

bananeiras, mamoeiros, frutas-pão, além de cana-de-açúcar. As bananas, em suas mais variadas espécies, por exemplo, eram exportadas para a Europa.

A agricultura não era muito fácil, especialmente por que as terras mais propícias para o plantio eram as que ficavam em altitudes mais elevadas. Para o trabalhador, por sua vez, isso representava desafios adicionais que exigiam muito esforço físico. Os filhos do Rev. José Zito acreditam que a natureza do árduo trabalho que ele fazia no campo tenha contribuído para a excelente saúde que ele tem ainda hoje, aos 84 anos. Um exemplo dessa boa saúde foi o fato de que a sua primeira visita a um dentista ocorreu somente aos setenta anos de idade. Contudo, o dentista não encontrou uma cárie sequer; limitou-se a fazer uma mera limpeza. Provavelmente, isso tenha origem na ausência de açúcar na sua alimentação durante a infância e adolescência. O açúcar, naquela época, só era acessível aos ricos. Um missionário observou que a refeição matinal típica daquela época era composta de ovos, tiras de bananas fritas, cuscuz e café.

Além da dificuldade da vida na própria ilha, havia ainda muitas limitações no contato com as demais ilhas, haja vista que o transporte entre elas se dava por meio marítimo. Assim, qualquer viagem entre as ilhas era uma verdadeira aventura. Como exemplo, o Rev. José Zito cita que, da ilha de Santo Antão à ilha de São Vicente, são apenas nove milhas náuticas. Dependendo da época e do tipo do barco, demoravam-se muitas horas para sair de uma ilha e chegar à outra.

O estreito entre as ilhas forma um canal cuja corrente marítima é forte o suficiente para dificultar as manobras de atracação de barcos pequenos e médios. Na época de sua adolescência, a navegação era baseada em barcos à vela. Quando esses barcos tentavam atravessar o canal entre as ilhas, além de enfrentarem a forte correnteza, tinham que lutar contra as mudanças repentinas nos ventos. Às vezes a embarcação chegava perto do porto, mas um vento contrário a levava para longe e o piloto era obrigado a refazer o percurso. Esse era o tipo de tarefa que poderia durar algumas horas ou até alguns dias!

A travessia que durava dezoito horas, em barcos a vela, nos anos 1950 já era feita em seis horas em barcos a motor. Hoje em dia, esse trajeto é feito em pouco mais de uma hora em barcos equipados com motores potentes.

Uma curiosidade é que os navios que vinham da cidade de Mindelo, que fica na ilha de São Vicente, a mais próxima de Santo Antão, ancoravam próximo à cidade de Porto Novo, que fica do outro lado do canal, defronte a Mindelo. De fato não havia um porto, mas um local de desembarque, que era feito em barcos menores. Uma vez em terra, para chegar até a cidade de Ribeira Grande, onde ficava a Igreja do Nazareno, as pessoas tinham que atravessar o interior da ilha a pé ou em lombo de animais de carga. As bagagens, por exemplo, eram levadas por jumentos. Os automóveis eram raríssimos, pois somente os ricos podiam comprá-los.

A conversão

Por volta de 1949, durante a visita a uma senhora nazarena, sua parente, que também era da igreja da ilha de Santo Antão, o Rev. José Zito ouviu dela estas palavras: "moço, vendo você parado aí na porta, vejo que você tem todo o jeito de um pastor; você devia se converter a Jesus e se tornar um pastor!". Com o coração ainda endurecido, ele respondeu: "Isto é uma coisa que não aconteceria nunca, pois eu amo este cigarro que tenho em minhas mãos". Ele ainda não conhecia o amor de Deus e mal podia imaginar os planos do Senhor.

Os meses se passaram e aquele coração endurecido tornou-se sedento pelas coisas espirituais. O Rev. José Zito procurava a Deus, mas não estava bem certo de onde O encontraria. Observador atento, não podia confiar na vida de alguns religiosos que, na época, não eram muito exemplares. Por isso, passou a freqüentar a Igreja do Nazareno que havia se estabelecido na ilha.

Na verdade, essa foi uma das mais antigas missões nazarenas, sendo a mais antiga no mundo de língua portuguesa. Ela foi iniciada em 1901 pelo missionário Rev. João José Dias, que era casado com a Dona Joana Lomba. Durante a organização oficial da Igreja do Nazareno, em 1908, em Pilot Point, Estado do Texas, nos Estados Unidos, a igreja à qual ele pertencia foi anexada à denominação, pois reconheceram que aquele missionário havia levantado o “farol de santidade” que difundia a luz do evangelho pelas ilhas de Cabo Verde.

Aquela semente plantada por seus pais, por meio da leitura da Palavra de Deus, esperava apenas uma oportunidade propícia para germinar naquele coração. O Rev. José Zito Oliveira se converteu em janeiro de 1951, aos 29 anos de idade. A sua decisão ocorreu por ocasião da pregação de um ex-padre que havia se convertido. Na verdade, a conversão não foi tanto devido à pregação do ex-padre, mas aquele dia marcou a entrega da sua vida ao Senhor Jesus Cristo.

Depois da sua conversão, o Rev. José Zito continuou na comunidade da igreja e foi batizado pelo Rev. Ilídio Silva, ainda em 1951. Pouco tempo depois, esse pastor foi transferido para outra congregação, ainda em Cabo Verde. (Em 1961 ele foi para a cidade de New Bedford, no Estado de Massachusetts, Estados Unidos, onde iniciou os trabalhos junto à comunidade cabo-verdiana ali residente. O Rev. Ilídio Silva faleceu em 1º de setembro de 2006, aos 93 anos. Ele era o Pastor Emérito da Bethany Church of the Nazarene em Rumford, Rhode Island).

Os parentes reagiram com naturalidade à sua conversão, de tal forma que não houve crise ou discriminação familiar por parte deles. Por sua vez, os amigos de festa ficaram inconformados. Tentaram desanimá-lo para reverter aquela decisão. Para eles, era um absurdo que o bom companheiro de seus divertimentos festivos se consagrasse ao Senhor Jesus. O grupo chegou a fazer uma roda ao seu redor, tentando de todas as formas dissuadi-lo da idéia de ser crente. Ele resumiu essa fase de recém convertido com estas palavras: “- eu, graças a Deus, fiquei firme, não cedi”.

A vida do novo convertido

No processo de integração à vida da igreja, o Rev. Ilídio Silva lhe encarregou da biblioteca. Seu primeiro ministério, portanto, foi conservar e administrar o patrimônio literário da igreja. À medida que amadurecia na fé, o Rev. Ilídio dava a ele novas responsabilidades. Assim foi que ele recebeu o convite para lecionar em uma das classes da Escola Dominical. Sem que o Rev. José Zito tivesse percebido, o Rev. Ilídio já havia começado o processo de discipulado, oferecendo oportunidades de ministério. Dando continuidade ao ministério da Igreja do Nazareno em Santo Antão, o Rev. Francisco Xavier Ferreira assumiu o pastorado e manteve o processo de discipulado.

Enquanto o Rev. Ilídio tinha uma personalidade discreta, o Rev. Francisco Xavier Ferreira era muito amável e aberto. Nesse período de recém convertido, o Rev. Ferreira ajudou muito o Rev. José Zito a se firmar na fé e na vida cristã. Ele procurava envolvê-lo cada dia mais na vida ativa da igreja, o que foi fundamental para que ele adquirisse as habilidades necessárias para o seu futuro ministério pastoral. Em algumas ocasiões, quando o Pr. Ferreira se ausentava, o Rev. José Zito tinha a oportunidade de assumir o púlpito para pregar, mas essa tarefa era compartilhada com um outro irmão, que geralmente ficava responsável pela igreja, pois era mais antigo.

O Rev. José Zito costuma dizer: “- eu tive em minha vida um pastor, que foi o Rev. Ferreira, e tive um Superintendente, que foi o Rev. Mosteller, missionário americano”.

O chamado

O Rev. Earl Elwood Mosteller, juntamente com sua esposa, Dona Gladys Marie Parker Mosteller, era o responsável por formar os

novos pastores nazarenos em Cabo Verde, porém ele ficava baseado na ilha de São Vicente, onde ficava o Seminário Nazareno. O Rev. José Zito manifestou a ele o seu chamado e o desejo de se preparar para o pastorado. Porém, além do Seminário dificultar a entrada de alunos solteiros, não seria possível mudar-se para a ilha de São Vicente, pois, nessa época ele trabalhava no farol que fica na cidade de Janela, na ilha de Santo Antão.

“Faroleiro e pastor. Que interessante! Semelhante ao trabalho de um faroleiro, o do pastor é mostrar a luz e o caminho aos viajantes. Aquele usava a luz do farol para orientar os navegantes entre as ilhas, este resgataria os naufragos do pecado e os conduziria à vida eterna mostrando-lhes a Luz do Mundo, Jesus Cristo, o Nazareno”, disse a Profª. Zilta.

Diante disso, o Rev. Mosteller, que não desprezava o chamado de ninguém, iniciou a formação acadêmica do Rev. José Zito usando a criatividade. Ele utilizou o que hoje chamamos de ensino à distância. Funcionava assim: de tempos em tempos, ele enviava para o Rev. José Zito alguns livros e algumas tarefas educacionais.

Apesar de adequado àquela situação, esse processo de formação teológica não era exatamente o que o Rev. José Zito desejava, pois em seu coração havia uma vontade enorme de se entregar totalmente pela causa de Cristo. Se ele continuasse estudando, mas trabalhando secularmente, até poderia se formar, mas não da forma ideal. Ele queria estudar em um seminário bíblico.

Ele então pensou em emigrar para a República da Argentina, a fim de estudar no Instituto Bíblico Nazareno de Buenos Aires, que admitia alunos solteiros. Ali ele poderia ser formalmente capacitado para o ministério pastoral, atendendo ao chamado de Deus. O Rev. Joaquim Antônio Lima, seu parente, na época já era aluno daquele seminário. Foi ele quem preparou todas as coisas para que o Rev. José Zito pudesse estudar ali. O Rev. Lima e sua esposa também foram uns dos primeiros missionários nazarenos a vir para o Brasil, tendo chegado em 1960.

Todo esse empenho por parte do Rev. Lima, no entanto, tinha um motivo de natureza sentimental. Impedido de voltar a Cabo Verde para casar-se com Guilhermina, sua amada, ele pediu ao Rev. José Zito que lhe fizesse um enorme favor. Por meio de uma procuração, ele representou o Rev. Lima diante das autoridades de Cabo Verde que celebraram o casamento dele com Dona Guilhermina.

Meditação

1ª Co 3.6: *“Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus”.*

Muitos que recebem o chamado de Deus são afligidos por dúvidas quanto a esse chamado. Isso acontece quando pensamos em nossa situação e nos perguntamos: “será que Deus pode me transformar em um pastor? Será que Deus vai querer me enviar para pregar o evangelho de Jesus Cristo a outros povos? Eu acho que não, por que eu não sei fazer nada. Eu não sou ninguém importante”.

Espere um momento! A partir do exemplo da vida do Rev. José Zito, observamos que o Senhor Jesus cuida daqueles que Ele chama sem que eles percebam. Deus usa as pessoas próximas a nós para ministrar ao nosso coração, para nos discipular e para nos preparar para o ministério. Uma pequena semente, quando encontra um solo fértil, pode produzir muito. Deus estabeleceu uma aliança com você para que você seja uma bênção onde você estiver, seja qual for o seu ministério.

Que tal orarmos agora? Vamos pedir que o Senhor Jesus continue a dar o crescimento às nossas vidas, nos preparando para cumprirmos o chamado que Ele nos fez. Oremos.

APÓS CINCO ANOS de convertido, a paixão pelo ministério ainda continuava forte. O Rev. José Zito Oliveira sentia a necessidade de se preparar melhor para o pastorado. Portanto, foi inevitável a saída dele de Cabo Verde. Em março de 1956, ele embarcou com destino a Lisboa, onde encontraria um navio que o levaria para a América do Sul, especificamente para a Argentina, onde pretendia preparar-se no Instituto Bíblico Nazareno. Para isso ele contou com a ajuda do Rev. Lima, que preparou todas as coisas.

Depois de semanas de viagem, o navio finalmente chegou a Buenos Aires. Ao longe, o Rev. José Zito avistou o porto e algumas edificações. Era um sonho que começava a se realizar. Porém, a Argentina jamais seria alcançada, assim como o seu intento de estudar no seminário daquele país.

Décadas após aquela viagem, ele se lembra com humor de que ficou preso a bordo do navio. Foram cinco longos e intermináveis dias naquela situação angustiante. O que estaria sendo decidido pelas autoridades? Poderia ou não desembarcar?

Na verdade, logo após a escala do navio em Montevideu, no Uruguai, autoridades argentinas começaram a fazer o serviço de imigração dos passageiros com destino a Buenos Aires, na Argentina.

Uma das pessoas a bordo era a esposa do Pr. Lima, Dona Guilhermina Lima. Já um tanto quanto ansioso por chegar logo à Argentina, o Rev. José Zito disse a ela: “- eu vou procurar ser um dos primeiros da fila para ficar logo livre desses trâmites burocráticos”. Chegada sua vez, ele mostrou o seu passaporte e o restante da sua documentação ao oficial da imigração Argentina. Analisaram rapidamente aqueles papéis e lhe disseram que aguardasse sentado, ao lado da fila. Por ironia dos fatos, todos os outros passageiros iam passando enquanto ele aguardava. Por fim, todos foram atendidos e liberados. Além dele, somente uma senhora espanhola passou por essa mesma situação e também teve a sua documentação retida.

Chegando a Buenos Aires, antes que o barco atracasse no porto, o Rev. José Zito foi tirado do seu camarote e conduzido a um outro. Neste, puseram um guarda à porta. Ele simplesmente não podia sair dali. Estava preso e sob guarda!

Os demais passageiros com os quais ele havia convivido a bordo desembarcaram sem que soubessem o que lhe havia ocorrido. Dos passageiros, ficaram a bordo somente ele e a referida senhora espanhola. Essa senhora, porém, tendo em vista que tinha uma filha que morava na Argentina, conseguiu desembarcar.

Por fim, ele ficou só, mas acompanhado de um guarda das seis horas da manhã às seis da tarde; e de outro, das seis da tarde às seis da manhã. Quando ele ia ao banheiro, fechava a porta e escutava o guarda passeando do lado de fora. Quando ia ao refeitório, o guarda sentava-se à mesa junto com ele. Enfim, acompanhavam-no por todo o navio ininterruptamente. Mesmo à noite, quando se deitava para dormir, ele escutava os passos do guarda no corredor.

Ao procurar saber o porquê do impedimento para o seu desembarque, disseram-lhe que ele tinha tracoma (doença oftalmológica crônica, de origem bacteriana, que compromete a córnea e a conjun-

tiva, levando à fotofobia, dor e lacrimejamento). Na verdade, esse era o parecer das autoridades aduaneiras, que sequer consultaram um médico. Segundo essas autoridades, uma pessoa de pele morena não podia ter, naturalmente, os olhos azuis como os dele. O Rev. José Zito alegou que nascera com os olhos azuis como os da sua mãe, que era mestiça de europeus com africanos. Foi em vão, pois aquelas autoridades estavam resolutas em não deixar que ele desembarcasse.

Enquanto estava naquela situação, o Rev. José Zito recebeu a bordo a visita de alguns familiares e amigos que moravam em Buenos Aires. Foi um bom tempo para revê-los e receber deles o carinho e o encorajamento para enfrentar aquela situação tão constrangedora. Eles se esforçaram para ajudá-lo a resolver aquele problema, mas as autoridades da imigração Argentina foram irredutíveis e não mudaram o seu parecer.

Por fim, nada de desembarque, nada de Buenos Aires, nada de seminário. Muito constrangimento e muita frustração. Mas foi um momento de reflexão. Será que ele deveria realmente ir para a Argentina? Na verdade, o Senhor Jesus tinha outros planos para a vida e para o ministério do Rev. José Zito.

A viagem de volta a Lisboa

Impossibilitado de desembarcar, ele então fez a viagem de volta a Lisboa. O encarregado dos portugueses a bordo fez contato com Lauro Jorge Oliveira, o meio-irmão do Rev. José Zito, por parte de pai, que morava na cidade de Santos, Estado de São Paulo. Ele explicou a situação ao Jorge que, gentilmente, providenciou junto às autoridades brasileira a permissão para o desembarque do seu irmão no Brasil.

Porém, ao chegar ao porto de Santos, o comandante do navio também não deixou que ele desembarcasse. Aquele oficial alegou que o Rev. José Zito não poderia desembarcar, pois se ele, por algum

motivo, ficasse no Brasil ou não chegasse a Lisboa, o comandante teria que pagar uma multa de mil dólares. Mais uma vez, em Santos, o comandante o manteve preso no navio e acompanhado de guardas.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, outra escala na viagem de volta a Lisboa, ocorreu a mesma coisa. Ele foi impossibilitado de desembarcar e, enquanto o barco estava atracado, os guardas permaneceram sempre ao seu lado. No Rio de Janeiro, entretanto, aconteceu algo inusitado. Alguns portugueses foram a bordo e disseram que iriam providenciar o desembarque do Rev. José Zito.

O plano deles, digno de qualquer filme de Hollywood, era encostar um bote do outro lado do barco. Ele desceria por uma das escotilhas e esses amigos o levariam para a casa deles. De acordo com esse plano, bastaria que o Rev. José Zito se escondesse por três dias. Diziam que a polícia do Rio de Janeiro o procuraria apenas durante três dias. Depois disso, os policiais deixariam de procurá-lo, pois aconteceria algo mais sério que ocuparia a polícia. Passado esse pequeno tempo, ele poderia ir para São Paulo tranquilamente.

Naturalmente, o Rev. José Zito, mantendo a sanidade e zelando pelo santo testemunho, não aceitou aquele plano mirabolante. Quanto aos guardas, ele somente se viu livre deles quando chegou a Lisboa. No total, foram um mês e oito dias para ir e voltar.

Não houve uma forma legal de se resolver a situação. Conformado, entregou a situação ao Comandante da sua vida, Jesus. Enquanto o navio voltava para Portugal, ele orava e refletia sobre qual seria o plano do Senhor para a sua vida. Seria mesmo a Argentina?

No seu coração, porém, ainda ecoava o chamado pastoral. Ele não desistiu. Uma vez em Lisboa, contactou seu outro irmão, Antônio Manoel Oliveira, que morava em Santo André, Estado de São Paulo, no Brasil. Este providenciou a sua vinda legalmente para o Brasil.

Dessa forma, ele estaria mais perto da Argentina. Num momento oportuno, ficaria mais fácil para ele mudar-se definitivamente para Buenos Aires e iniciar o seminário. Ou, quem saberia, a Igreja do Nazareno poderia vir para o Brasil nesse meio tempo. Exatamente no

dia em que se completaram dois meses de sua chegada a Lisboa, ele embarcou rumo ao Brasil. Esta, sim, seria uma viagem definitiva.

Em Lisboa, antes de vir para o Brasil, ele foi queixar-se perante o embaixador argentino. A desculpa do embaixador para todo aquele constrangimento foi que o Rev. José Zito havia chegado enfermo à Argentina e que, durante a viagem, de alguma forma, ele havia se curado. Ocorre que ele foi levado a um dos melhores especialistas em oftalmologia de Lisboa que o examinou e não constatou qualquer vestígio de doença. O embaixador havia dado essa desculpa para não se comprometer.

Ao encerrar a questão sobre a Argentina, ele chegou à conclusão de que aquela fora uma recusa simplesmente política. O motivo foi que a carta de chamada para o Instituto Bíblico Nazareno foi emitida em 1955, no final do período em que o Presidente Juan Domingo Perón estava no poder. Ele exerceu a Presidência da Argentina sob a forma de ditadura no período entre 1946 e 1955, quando foi deposto. Em abril de 1956, quando o Rev. José Zito chegou a Buenos Aires, ainda havia muito tumulto político e muita desconfiança quanto a estrangeiros oriundos de países que viviam sob ditaduras. Cabo Verde, a propósito, era uma possessão de Portugal e vivia sob a ditadura do General Salazar. A confusão não foi causada por tracoma ou qualquer outra doença, mas por suspeitas políticas.

Meditação

At 16.9: *“À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: passa à Macedônia e ajuda-nos”*.

Que grandes desafios o chamado de Deus nos impõe! O apóstolo Paulo desejava pregar o evangelho nas regiões que hoje pertencem à Turquia, mas Deus tinha outros planos para ele. Paulo não compreendia o porquê de as portas e oportunidades para a pregação do evangelho estarem se fechando na Ásia. Sem que ele esperasse, Deus o conduziu para pregar na Europa! As portas estavam fechadas, mas o coração de Paulo, não, pois ele estava disposto a cumprir o propósito do Senhor Jesus onde quer que Ele o enviasse.

Observe que algo semelhante ocorreu com o Rev. José Zito. Deus não permitiu que ele entrasse na Argentina, mas esse pioneiro nazareno manteve o seu coração aberto para ser dirigido pelo Senhor. Vamos orar agora. Coloque diante do Senhor os planos que você tem feito para o seu ministério. Talvez você esteja tentando ir para a “Ásia”, enquanto que Deus quer que você pregue na “Europa”. Mantenha o seu coração alerta para ouvir a voz de Deus e perceber o direcionamento dEle. Você já sabe que a vontade de Deus é “boa, agradável e perfeita”. Oremos.

A chegada ao Brasil

PARA A VINDA do Rev. José Zito Oliveira para o Brasil, Deus moveu o coração do irmão mais velho dele, Antônio Manoel Oliveira. Apesar de nascido em Cabo Verde, nessa época ele morava em Santo André, cidade do Estado de São Paulo. Foi ele quem resolveu as questões legais da imigração e pagou as passagens para a viagem do Rev. José Zito de Lisboa para Santos.

Finalmente, em 11 de julho de 1956, o Rev. José Zito desembarcou no porto de Santos, que também fica no Estado de São Paulo.

Em princípio, ele queria ir para a Argentina, mas aquela porta havia se fechado. Agora, ele estava no Brasil. Um problema, no entanto, o angustiava: a Igreja do Nazareno ainda não havia chegado ao país. Parecia que o seu sonho de ministério havia sido enterrado.

Uma correção a tempo: na verdade, vários nazarenos passaram pelo Brasil a trabalho ou a passeio, mas o Rev. José Zito foi o primeiro que veio com o propósito de se envolver com a obra. Para isso, ele esperou pacientemente a chegada oficial da Igreja do Nazareno.

O período entre a sua chegada ao Brasil e a chegada do primeiro casal missionário trouxe desafios inéditos para o Rev. José Zito. Um deles era quanto à comunhão com a Igreja do Senhor Jesus Cristo. A exemplo de todo crente bem consolidado em sua fé, o Rev. José Zito tinha necessidade espiritual de frequentar uma igreja, ou seja, de estar em comunhão com o Corpo Vivo de Cristo, de adorar ao Senhor, de participar da Santa Ceia. Ele compartilhou isso com a sua cunhada, esposa do seu irmão Antônio, na casa de quem ele estava morando. A sua cunhada, então, o apresentou a uma família vizinha, que era protestante.

Convidado a ir à igreja deles, a Congregação Cristã do Brasil, ele participou do culto com a alegria de estar na Casa de Deus. Ao final da reunião, uma surpresa! Todos os homens da igreja foram cumprimentá-lo. “Quão amáveis são os irmãos brasileiros!”, pensou. Porém, essa primeira impressão logo se desfez. Aquela congregação, no intuito de ser autêntica, adotou literalmente o estilo de cumprimento bíblico: ósculo santo. “- Os irmãos chegaram me beijando. Aquela coisa me espantou!”, recorda-se em meio a muitas gargalhadas.

Era o costume daquela congregação que os homens cumprimentassem uns aos outros com um ósculo; e que as mulheres, da mesma forma, cumprimentassem as outras mulheres com um beijo também. Essa foi a primeira e última vez que ele foi àquela igreja.

Uma das características do povo brasileiro, logo notada pelo Rev. José Zito, foi a forma carinhosa com a qual os estrangeiros são recebidos aqui. Ele diz que o brasileiro, de uma forma geral, quer que o estrangeiro venha para o Brasil, mas sem falar em voltar para casa. O brasileiro quer que o estrangeiro venha para ficar, por isso ele foi muito bem recebido no Brasil.

Depois disso, ele conheceu a Igreja Presbiteriana Independente, à qual, ainda hoje, é muito grato. Ali os irmãos o receberam muito bem, de forma muito carinhosa e, felizmente, sem beijos. Depois do culto, num domingo à noite, os jovens da igreja o conduziram até um salão anexo ao templo e proporcionaram uma calorosa recepção. Fi-

zeram perguntas sobre ele e sobre Cabo Verde. Mostraram um genuíno interesse por aquele irmão na fé que viera de tão longe.

Ele relata com gratidão que, naquela igreja, teve um tempo muito feliz. Dominicalmente ele freqüentava a igreja Presbiteriana pela manhã, mas à noite ele sempre visita outras igrejas de diversas denominações. Essa foi a estratégia que ele usou para manter a comunhão com o Corpo de Cristo, a Igreja, mas sem se filiar a nenhuma congregação, pois a Igreja do Nazareno ainda não havia chegado ao Brasil. Homem de caráter, fiel e resoluto em suas decisões, enquanto aguardava a chegada dos missionários, ele enviava seus dízimos para a Igreja do Nazareno em Cabo Verde. Movido por uma genuína gratidão à Igreja Presbiteriana Independente, que o acolhera fraternalmente, ele também participava com as suas ofertas.

A chegada dos primeiros casais missionários oficiais

Já instalado no Brasil, logo ele ficou sabendo que a Igreja do Nazareno abriria um campo missionário por aqui. O irmão Ervin Stegemoeller e sua esposa, senhora Marjorie, haviam enviado uma carta à Sede da Igreja do Nazareno, nos Estados Unidos, solicitando missionários para instalarem a Igreja do Nazareno no Brasil. Essa notícia correu o mundo.

Além disso, tomou conhecimento que o missionário seria ou o Rev. Everette Dewey Howard ou o Rev. Earl Elwood Mosteller. Ambos eram conhecidos do Rev. José Zito desde Cabo Verde. O Rev. Howard havia sido o Superintendente da Igreja do Nazareno no Distrito de Cabo Verde, antes do Rev. Mosteller, que o substituiu naquela Superintendência até a sua vinda para o Brasil.

Quando soube que o missionário que viria iniciar o trabalho no Brasil seria o Rev. Mosteller, ele ficou muito feliz, pois eles haviam se tornado grandes amigos. Na verdade, o Rev. Mosteller não imagi-

nava que seria o primeiro missionário nazareno no Brasil. Também não imaginava que seria recebido justamente por aquele discípulo que havia lhe declarado o seu chamado para o ministério lá em Cabo Verde, de onde os missionários também estavam vindo.

A chegada da família Mosteller se deu em meados de 1958. Na ocasião, já havia mais de dois anos que o Rev. José Zito aguardava o início da Igreja do Nazareno oficialmente no Brasil. Quando da chegada da família Mosteller, após receber um telegrama confirmando a data, ele viajou até o porto de Santos para recepcioná-los.

Nessa época, o Rev. José Zito trabalhava na companhia *Swift* (empresa do setor alimentício), como conferente, na cidade de Santo André. Aquele dia, porém, era um dia todo especial, por isso ele pediu ao seu chefe uma licença, pois precisaria faltar ao serviço para ir até Santos. Foi a primeira falta dele ao serviço. O Rev. José Zito não perderia a oportunidade de recepcionar o velho Superintendente, professor, amigo e irmão que estava chegando. Ele queria dar um abraço de boas-vindas àquele que iniciaria oficialmente os trabalhos da Igreja do Nazareno no Brasil.

Muita alegria na chegada, cumprimentos, histórias da viagem, planos e expectativas quanto à obra que o Senhor haveria de começar por meio da Igreja do Nazareno, cuja teologia básica é a doutrina da santidade. O Rev. Mosteller, conforme já havia solicitado no telegrama, mais uma vez convidou-o a engajar-se no projeto de implantação da denominação no Brasil. Esse convite foi aceito com um sorriso e uma declaração da certeza quanto ao chamado de Deus para o ministério pastoral.

Foi ali, no porto de Santos, que o Rev. José Zito conheceu o irmão Ervin Stegemoeller, um nazareno fiel que estava no Brasil trabalhando em uma indústria de tratores e máquinas pesadas em Campinas, cidade que fica no interior do Estado de São Paulo. O casal Stegemoeller, exercendo a mordomia cristã, levou a família de missionários para a sua cidade. Ali, eles providenciaram todas as coisas para que os missionários se estabelecessem confortavelmente.

A segunda família missionária oficial da denominação foi a do Rev. Charles Wise Gates e sua esposa Dona Roma Joanne Gates, que chegaram poucas semanas depois da família Mosteller e também se estabeleceram em Campinas, sob os cuidados dos Stegemoellers.

Enquanto isso, o Rev. José Zito continuava a trabalhar em Santo André. As visitas dele a Campinas eram freqüentes. Na verdade, devido à distância, essas visitas eram pequenas viagens. Em 1959, uns seis meses depois da chegada dos primeiros missionários, o Rev. José Zito mudou-se para Campinas e recomeçou seus estudos acadêmicos sob a supervisão do Rev. Mosteller, que lhe deu um curso intensivo de formação pastoral.

O Rev. José Zito foi o primeiro nazareno a iniciar a sua preparação para o ministério no Brasil. Ele era o único aluno do que viria a ser o Seminário e Instituto Bíblico da Igreja do Nazareno - SIBIN, inaugurado em 1962.

Em seu diário, o Rev. Mosteller anotou no dia 9 de fevereiro de 1959: “José Zito Oliveira chegou hoje a Campinas para estudar. Quem poderia pensar que o nosso primeiro pregador em treinamento no Brasil seria um cabo-verdiano?”.

Ele mudou-se para Campinas como resposta ao desafio do Superintendente, que precisava do Rev. José Zito mais próximo e engajado no trabalho. Como um sinal da graça de Deus, ele conseguiu sua transferência para a filial da Companhia *Swift* em Campinas. Essa mudança, no entanto, causou uma perda muito grande em termos salariais e funcionais. Porém o chamado de Deus era algo muito mais valioso para a vida dele, pois era uma prioridade pessoal.

O início da Igreja do Nazareno em Campinas

O Rev. José Zito, além de trabalhar com a denominação no Brasil, também ajudou a igreja no estabelecimento de várias congregações e

templos. Naturalmente, ele trabalhou para o início da primeira igreja em Campinas. Inicialmente, as reuniões aconteciam na casa do diretor da empresa Tratores do Brasil, irmão Ervin Stegemoeller. Era uma casa grande, quase do tamanho do coração da família Stegemoeller, que era muito acolhedora.

Muitas pessoas compareciam às reuniões ao ponto de a casa ficar lotada. Com essas primeiras reuniões naquela casa, ocorreu o início não oficial da Igreja do Nazareno no Brasil na Avenida Benjamin Constant, bairro de Cambuí, Campinas, interior de São Paulo.

Somente após algum tempo é que foi alugado um salão na Avenida Francisco Glicério, onde a Igreja do Nazareno, já devidamente registrada, começou oficialmente no Brasil. Porém, algo de curioso aconteceu nessa transição. Salvo um ou dois casais, a maioria das pessoas que lotavam a casa da família Stegemoeller não acompanhou a mudança da igreja para o ponto comercial. Mesmo assim, os missionários e o Rev. José Zito persistiram com aquele trabalho.

Enquanto o trabalho prosseguia nesse salão alugado, eles já faziam planos para construir um templo próprio no terreno que compraram na mesma avenida. Há poucos anos, aquela igreja fez uma nova mudança de endereço, pois comprou o prédio de uma antiga fábrica e fez uma bela reforma para acomodar os milhares de irmãos.

Essa mesma Igreja foi a primeira colocada nas estatísticas da denominação em 2005. Ela apresentou a maior membresia e a maior freqüência nos cultos, considerando-se todas as igrejas do nazareno ao redor do mundo (*Top 100 Churches in 2005 Worship*). Para o Rev. José Zito e os missionários, é gratificante ver que, de um começo tão humilde, hoje se contam os frutos aos milhares!

A equipe missionária, formada pelas famílias do Rev. Mosteller e do Rev. Gates, foi reforçada em 1959 com a chegada do Rev. William Ronald Denton e Dona Sarah Ellen Byrd Denton, e os seus filhos. Enquanto a família Gates fazia seu primeiro ministério missionário, a família Denton já havia servido como missionários na Bolívia, Argentina e Uruguai.

Devido ao domínio da língua hispânica, eles conseguiam se comunicar com o povo brasileiro, mesmo com certa dificuldade. Isso os encorajou a irem direto para o campo missionário sem passar pela Escola de Orientação e Língua Portuguesa, que era uma escola da Igreja Presbiteriana que também acolhia os missionários de outras denominações para orientá-los quanto à cultura e idioma do Brasil.

Como a visão era a de não perder mais tempo na tarefa de alcançar o Brasil, os Dentons foram logo para a belíssima cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, distante cerca de 800 quilômetros de Campinas, na direção do centro do Brasil.

A partir dos anos sessenta, essa equipe foi reforçada regularmente. Em 1960 chegaram mais dois casais missionários com as suas famílias: o Rev. Joaquim Antônio e Guilhermina Lima, que vieram da Igreja do Nazareno da Argentina, e o Rev. James Eldon e Carol Jeanne Kratz. Em 1962, chegaram o Rev. Robert Thomas e Frances Darlene Collins. Em 1964, chegaram o Rev. Roger Michael e Mary Ann Maze. Por fim, em 1968, chegaram o Rev. Larry Coleman e Dolores Darlene Clark.

A primeira igreja do nazareno no Brasil foi inaugurada pelo Rev. Earl Elwood Mosteller em Campinas, São Paulo (hoje chamada de Igreja do Nazareno Central de Campinas); a segunda foi inaugurada em Belo Horizonte, Minas Gerais, pelo Rev. Willian Ronald Denton (Igreja do Nazareno em Barroca); e a terceira foi a Igreja do Nazareno em Sobradinho, Distrito Federal, que também foi inaugurada pelo Rev. Denton. Na verdade, o templo dessa igreja foi o primeiro que a Igreja do Nazareno construiu no Brasil. Até então, as outras duas igrejas funcionavam em locais alugados.

Meditação

Zc 4.10a: *“Pois quem despreza o dia dos humildes começos, esse alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel”.*

Humildes começos. Essa frase nos faz pensar em várias coisas que começam de forma quase insignificante. Uma árvore, que brota de uma semente; uma vida humana, que começa com um minúsculo óvulo fertilizado. Também lembramos da Sociedade Bíblica, que tinha o propósito de divulgar a Palavra de Deus, e da Escola Dominical, que tinha o objetivo de ensinar as pessoas a ler, especialmente a Bíblia. Hoje elas são instituição e serviço mundialmente reconhecidos pelos seus valores cristãos e humanitários.

Ao lembrar das viagens entre Santo André e Campinas que o Rev. José Zito fazia apenas para participar dos cultos na casa da família Stegemoller, logo entendemos o significado de “humildes começos” para uma denominação. Hoje, talvez você tenha que fazer as suas pequenas viagens também, tomando um ônibus ou trem para chegar a outro bairro ou cidade apenas para evangelizar ou ministrar a Palavra de Deus para um grupo de irmãos reunidos numa casa.

É claro que isso também é um “humilde começo” de algo poderoso que o nosso Senhor Jesus está fazendo na vida daquelas pessoas. Mas tudo isso tem o seu começo com um humilde servo, que obedece ao chamado do Autor e Consumador da nossa fé: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações”.*

Faça uma oração agora agradecendo ao Senhor por lhe dar a oportunidade de ter um “humilde começo”. Agradeça desde já pelo desenvolvimento futuro do seu ministério e também pela vida dos seus discípulos.

O ministério nas Igrejas do Nazareno em Barroca e Alto dos Pinheiros

De Outubro de 1959 a Março de 1962

O REV. JOSÉ ZITO OLIVEIRA trabalhou no ministério da Igreja do Nazareno por dois períodos na cidade de Belo Horizonte. O primeiro foi quando ainda era solteiro e seminarista. Em outubro de 1959, ele mudou-se para aquela cidade a pedido do Superintendente, que o designou como pastor auxiliar do missionário Rev. William Ronald Denton, que estava implantando a Igreja do Nazareno ali.

O segundo período foi depois que ele pastoreou a Igreja do Nazareno em Sobradinho, no Distrito Federal. Ele voltou a Belo Horizonte para concluir o seminário, mas acabou por socorrer a congregação em Sagrada Família. (Falaremos a respeito desse período no capítulo 8).

O trabalho como pastor auxiliar do Rev. Denton deixou gratas recordações. Foi um tempo de muita aprendizagem ministerial, pois ele era um missionário dedicado pela obra e apaixonado pelo Brasil. De uma simplicidade marcante, o Rev. Denton foi muito querido por todos que o conheceram. Ele faleceu em 1991, nos Estados Unidos.

Logo que se mudaram para Belo Horizonte, os filhos do casal Denton foram estudar no Colégio Metodista Isabela Hendrix, de Belo Horizonte. Marsha, uma das filhas dos Dentons, tinha uma professora chamada Zilta. Essa professora teve que ministrar aulas particulares para a sua jovem aluna a fim de reforçar o aprendizado da língua portuguesa, tendo em vista que a influência do idioma espanhol ainda era muito forte. Eles foram missionários na Bolívia, Argentina e Uruguai antes de virem para o Brasil. Daqui retornaram ao Uruguai.

Dessa forma, ela tornou-se amiga da família. Em certa ocasião, o Rev. Denton perguntou-lhe: “- O que faz o Sr. Carvalho, seu marido”. Ele perguntou isso, pois, nos países em que esteve antes, o sobrenome dela (Zilta Rocha de Carvalho), antecedida da partícula “de”, indicaria que ela era esposa do “Sr. Carvalho”. Ela então explicou que ainda não tinha encontrado o homem que Deus havia preparado para ela. Tentando disfarçar o sorriso, o Rev. Denton, mais do que depressa, profetizou: “- Vejo a senhora casada com um pastor. Ele pregando e a senhora tocando piano. Conheço um jovem que vou lhe apresentar”.

Ela retrucou imediatamente, pois não gostou da sonoridade do nome dele, atrapalhada pela mistura de sotaques americano e espanhol, característica da fala do Rev. Denton.

O jovem ao qual o Rev. Denton se referia era justamente o Rev. José Zito, que estava providenciando sua mudança para Belo Horizonte. Profecia ou não, o fato é que essa palavra se cumpriu! Um dos motivos para isso, é que, depois de conhecê-lo, ela observou que aquele jovem tinha qualidades realmente indispensáveis para um homem de Deus: caráter, integridade, disposição para o trabalho pastoral e, sobretudo, santidade de vida.

Ao mesmo tempo em que a Prof^a. Zilta servia àquela família, ensinando aos filhos, a Dona Sarah e o Rev. Denton serviam como canais de restauração para a vida espiritual dela. Atenta observadora, ela ficou maravilhada pelo modo simples e sincero como aquela família servia ao Senhor. As pregações e as belas explicações bíblicas

sobre a santidade fizeram com que ela se interessasse pela doutrina da Igreja do Nazareno. Porém, o Espírito Santo usou o exemplo de vida consagrada dos missionários para fazer a chama do evangelho arder novamente em seu coração. Ainda quando estavam apenas ela, a Dona Clair Phillips, uma irmã recém convertida, e a família do Rev. Denton nos cultos, ela sentia a presença de Deus de uma forma maravilhosa. Pouco a pouco ela verificou que o valor da pregação de santidade ao Senhor está na vida daqueles que realmente vivem o que pregam, conforme o exemplo do Rev. Denton.

Algum tempo depois, o Rev. Denton foi transferido para Brasília com a missão de começar o trabalho evangelístico na nova Capital do Brasil. O local mais promissor, na época, era a cidade satélite de Sobradinho, distante alguns quilômetros do centro de Brasília. Diante dessa nova missão do Rev. Denton, a família do Rev. Charles Wise Gates foi transferida para Belo Horizonte. O Rev. José Zito ficou contente quando soube que a família do Rev. Gates iria para Belo Horizonte, pois já os conhecia desde Campinas. No período entre a viagem da família Denton para Sobradinho e a chegada da família Gates, o Rev. José Zito assumiu interinamente a igreja em Barroca.

A igreja inicialmente se reunia em um salão alugado. Algum tempo depois, compraram um terreno e o Rev. Gates liderou a construção do templo, que é usado pela igreja até hoje. Na Igreja do Nazareno em Barroca, Belo Horizonte, o Rev. José Zito teve uma boa oportunidade de exercitar a sua oratória. Durante vários meses, enquanto o Rev. Gates ainda não estava muito bem adaptado ao nosso idioma, o Rev. José Zito fazia um revezamento com esse missionário americano. Quando o Rev. José Zito pregava pela manhã, no domingo, o Rev. Gates pregava à noite; quando o Rev. José Zito pregava à noite, o Rev. Gates pregava pela manhã. Também revezavam com as pregações e os apelos.

Os cultos realizados nas manhãs de domingo eram os cultos devocionais, que ainda hoje são assim chamados. Nesses cultos, a pregação era destinada aos irmãos na fé. Portanto a mensagem tinha

um enfoque voltado para a edificação e a maturidade cristãs. Por sua vez, os cultos realizados nas noites dos domingos eram chamados de cultos evangelísticos. Naturalmente, a mensagem pregada era destinada aos incrédulos, sem desprezar as necessidades dos irmãos. Eles fizeram esse revezamento até o Rev. José Zito ter sido designado para iniciar o trabalho no bairro Alto dos Pinheiros.

O ministério na Igreja do Nazareno em Alto dos Pinheiros

A Igreja do Nazareno em Alto dos Pinheiros começou como um trabalho pioneiro liderado pelo Rev. José Zito. Nessa congregação, que veio a ser a Segunda Igreja do Nazareno em Belo Horizonte, o trabalho e a própria pregação eram totalmente evangelísticos. Aquela missão foi iniciada em detrimento de vários obstáculos que tiveram de ser superados. Por exemplo, o Rev. José Zito assumiu a liderança do trabalho sem ter concluído o seminário. Ele o fez, pois era uma porta que o Senhor lhe abria para pregar a salvação aos perdidos.

A estratégia básica de evangelismo era a projeção de filmes. Uma das dificuldades era quanto à energia para fazer funcionar o projetor. A equipe de evangelismo tinha que pedir aos moradores do bairro que cedessem a energia elétrica. Depois de algum tempo, já colhendo os primeiros frutos daquele trabalho, foi alugada uma garagem naquele bairro. Assim, a igreja começou a se estabelecer.

O estilo de pregação do Rev. José Zito é o mesmo desde os primeiros anos de ministério pastoral, pois o estilo de pregação é algo muito pessoal e sempre está ligado à personalidade do pregador. Mas ele reconhece que houve uma notória evolução na preparação e na oratória. Ao lembrar do processo de elaboração dos esboços, por exemplo, ele diz que a mensagem naquela época não era tão bem elaborada quanto o é hoje. Naquela época, no início do seu ministério, ele nem sempre fazia os esboços. Ainda julgando-se um pouco inex-

periente, ficava apreensivo enquanto não encontrasse o assunto da pregação, geralmente evangelística e voltada para um povo humilde, mas sedento da Palavra de Deus. Era uma pregação espontânea, mas não era uma pregação improvisada. Na verdade, a principal preocupação do Rev. José Zito, naqueles primeiros anos de ministério, era quanto às decisões dos ouvintes por Cristo, como o seu Salvador.

No fundo, sempre ecoaram em sua mente as palavras do Padre Antônio Vieira, as quais ele repete endossando com o peso da sua própria experiência: “a boa mensagem é aquela que deixa o povo desconfortável. A mensagem que todo mundo aplaude e elogia, geralmente não é uma boa pregação, por que é sinal de que as pessoas ficaram acomodadas na sua vida pecaminosa”.

Naquela época, não eram muitos os pregadores em quem ele poderia se inspirar quanto ao estilo homilético. Dentre os poucos que lhe chamavam a atenção, ele lista alguns missionários que visitaram a Igreja do Nazareno em Campinas e um certo pregador da Igreja Batista que veiculava suas mensagens pelo rádio. Esses pregadores chamavam a sua atenção, mas não chegaram a impactar o seu ministério de pregação da Palavra.

Naquele tempo, o Rev. José Zito estava muito impressionado com a vida e o ministério do missionário Stanley Jones, da Igreja Metodista, que trabalhava evangelizando o povo da Índia. Seu ministério era muito abençoado e, por isso, era uma fonte de inspiração para muitos pastores e outros missionários. Foi uma bênção para o Rev. José Zito poder assistir a uma pregação dele por ocasião de uma visita a Belo Horizonte.

Ao analisar um de seus sermões de 1961, intitulado “A um passo da morte”, que foi baseado em Hb 4.7b (“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração”), verificamos que foi um sermão muito bem estruturado e ilustrado. Ele usou uma passagem de Atos, em que narra a morte repentina de um rei, introduzindo a questão iminente da morte. Quanto à estrutura, ele fez a gradação de três tópicos começando com as credices populares quanto à vida eterna

que estão em desacordo com as Sagradas Escrituras, contra as quais apresentou cuidadosamente as refutações; no segundo tópico, concentrou-se no ensino bíblico; e no terceiro, apresentou as promessas bíblicas. Ele usou o versículo acima como elemento de transição e também como uma chamada à reflexão dos ouvintes. Em todo o sermão verificamos o forte tom evangelístico, que culminou com um apelo para uma resposta imediata dos seus ouvintes.

Meditação

Sl 23.4: *“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam”.*

Geralmente, os primeiros anos de qualquer empreendimento são os mais difíceis. No ministério pastoral, com frequência as lutas espirituais se somam às dificuldades naturais do dia-a-dia de uma igreja. Ao observar o testemunho do Rev. José Zito sobre aqueles primeiros dias, logo vem à nossa mente a imagem de um vale de dificuldades. Porém, na memória dele, está gravada a lembrança de que o Senhor não apenas dirigia e acompanhava, mas também consolava.

No seu ministério, haverá situações em que tudo parecerá alto como os pinheiros - muito perto do céu -, mas também haverá dias parecidos com um vale da sombra da morte. Lembre-se de que outros pastores, missionários e pregadores passaram pelo mesmo tipo de vale e foram bem sucedidos. Mas observe que tudo correu bem para eles por que não se afastaram do Senhor que os chamou para o trabalho. Agradeça ao Senhor Jesus Cristo pelas lutas que você está enfrentando agora e peça que Ele traga um novo consolo para o seu coração. Faça uma pausa na leitura para orar.

O REV. JOSÉ ZITO OLIVEIRA conheceu a Prof. Zilta Rocha de Carvalho Oliveira em Belo Horizonte. Convertida desde criança, ela foi criada na Igreja Metodista. Quando jovem, tornou-se membro da Igreja Assembléia de Deus, onde permaneceu por poucos anos. Pela providência divina, ela se tornou professora da filha do missionário Rev. Denton no Colégio Metodista Izabela Hendrix. Ainda professora, ela foi contratada para dar aulas de reforço para a menina.

Observadora, ela aprendeu a admirar os missionários, especialmente quanto à sua conduta cristã. Com a convivência, ela tornou-se amiga da família e conheceu a doutrina da santificação sob a perspectiva prática nazarena. Sempre convidada, ela participava dos cultos em Barroca.

Filha de José Coelho de Carvalho e de Orminda Rocha de Carvalho, a Prof^a. Zilta nasceu em 28 de fevereiro de 1934, na fazenda Água Limpa, de propriedade de seus pais. A fazenda ficava no município de Simonésia em Barra de São Simão, Minas Gerais. Ela foi a sexta filha dentre onze filhos.

Sua infância, passada na fazenda, foi marcada por um sério problema de saúde. Ela sofria de osteomielite, uma doença que geralmente atinge os ossos longos como o fêmur, a tíbia ou o úmero de crianças e adolescentes. Um vizinho seu, da mesma idade, teve que amputar uma perna devido à gravidade da doença. Por causa da sua deficiência física, ela não participava das brincadeiras com as demais crianças. Para uma menina naquela situação, era difícil entender porque os adultos diziam que “vida boa é a vida de criança”.

Se, por um lado, essa doença a impedia de participar das brincadeiras coletivas, por outro, forçou-a a desenvolver a sua aprendizagem. Curiosa, ela alfabetizou-se sozinha. Brincando com os livros, perguntava aos pais e aos irmãos mais velhos o que eram aquelas palavras e seus significados.

A vocação educacional da Prof^a. Zilta tem raízes na infância. Aos oito anos, mesmo com dificuldades, voltou a andar, o que lhe permitiu ministrar aulas da Escola Bíblica Dominical para os empregados da sua fazenda e de outras próximas, e também para alguns colegas da escola. O pastor da Igreja Metodista mensalmente visitava aquela EBD. Homem sábio, ele reconhecia publicamente a importância daquele trabalho e o valor da sua líder, ainda que fosse uma criança. Ele orgulhosamente contabilizava em sua igreja a membresia e as ofertas daquela classe, que era uma verdadeira congregação.

Seu pai foi um grande amigo. Desde cedo ele lhe dizia o seguinte: “- Minha filha, tudo o que você quiser fazer você vai conseguir”. Foi com esse incentivo amoroso e encorajador do seu pai que ela se lançou a realizar diversas tarefas na fazenda, superando seu problema na perna. Sozinha, ainda criança, aprendeu a fazer a réstia, como é conhecido o cordão de alho. Certa vez, mandou que os empregados prendessem uma vaca. Não sossegou até que aprendeu a ordenhar.

Sua mãe foi um exemplo de educadora. Ela era a responsável por uma escola na área rural do seu município, onde também ensinava as crianças. Seu trabalho incansável visava mudar a condição social dos seus alunos e de suas respectivas famílias, pois ela

acreditava que o conhecimento poderia superar as barreiras sociais. Dentre as suas iniciativas, contabiliza-se o clube agrícola, que ensinava técnicas de plantio para as crianças, e a oficina de artesanato e trabalhos manuais para as meninas.

A Prof^a. Zilta é herdeira de uma tradição evangélica muito importante. Seu avô por parte de mãe, Paulo Rocha, organizou a Igreja Metodista na cidade de Manhuaçu, também em Minas Gerais. Sua mãe, metodista desde o nascimento, casou-se com um fervoroso católico, que se converteu aos setenta anos, para alegria da esposa e dos filhos. Toda essa herança cristã permeou sua visão de vida e seus valores. Também foi importante para a sua carreira profissional e para o ministério.

Na juventude, mudou-se para Belo Horizonte, capital de Minas Gerais e uma das maiores cidades do Brasil na época. Foi lá que ela iniciou seus estudos universitários. Aluna aplicada formou-se em dois cursos superiores. Um deles era o de Letras Clássicas. Essa fase de intensa vida acadêmica, porém, foi marcada por uma profunda frieza espiritual, causada por uma intelectualização extremada. Inconformada com perguntas sem respostas, ela começou a aprofundar-se em discussões filosóficas cada vez mais estéreis. Nada lhe trazia de alento ao coração. Esses questionamentos, por sua vez, seriam usados por Deus para trazê-la de volta a uma vida espiritual plena.

Por volta dos vinte e dois anos, ela presenciou uma cena terrível nas ruas de Belo Horizonte que a fez lembrar-se dos seus princípios bíblicos. Ela passou por uma pessoa acidentada sem se comover, pois já havia uma multidão de curiosos ao redor. Essa sua atitude, porém, gerou uma pergunta filosófica que lhe quebrantou o coração: “- Era uma pessoa! Por que eu não me importei?”. Ela procurou uma amiga para desabafar. Ao conversar e orar com essa irmã, uma crente pentecostal, a Prof^a. Zilta recebeu um toque especial de Deus. Daí em diante, ela, que se considerava uma crente nominal, de aparências, voltou a ser uma crente de coração fervoroso, resgatando as suas origens metodistas, baseadas no evangelho de amor e de caráter íntegro.

Quando o Rev. Denton e sua família iniciaram o trabalho em Sobradinho, no Distrito Federal, eles observaram a carência de escolas naquela cidade que estava nascendo. Decidiram, então, abrir uma escola na igreja a ser construída. Conhecendo a Prof. Zilta, que havia assumido o cargo de Diretora do Colégio Metodista de Belo Horizonte, convidaram-na para ajudá-los nesse empreendimento.

No final de 1960, ela e a Dona Joanne, esposa do Rev. Gates, fizeram a primeira visita a Brasília para conhecer a nova igreja que estava sendo iniciada. Ela teve uma boa impressão daquela cidade e vislumbrou o futuro de Brasília, a nova Capital do Brasil. Diante do empenho e desprendimento dos missionários que haviam vindo dos Estados Unidos, ela sentiu-se desafiada a participar daquele empreendimento e mudou-se para Sobradinho no ano seguinte. Seu intuito era o de estabelecer a primeira escola evangélica de Sobradinho.

Durante esse período em que ela estava em Sobradinho e o Rev. José Zito em Belo Horizonte, eles trocavam cartas. Segundo ela, aquilo era um “amor platônico”. Apesar de terem sido apresentados pelo Rev. Denton, o Rev. José Zito e a Prof^a. Zilta somente tiveram um início de namoro na época em que o Rev. Gates assumiu a igreja em Barroca. Dona Joanne Gates promovia umas reuniões muito interessantes com os jovens da igreja em sua casa.

Casaram-se no dia 19 de março de 1962, uma segunda-feira. Após dez dias de lua-de-mel, mudaram-se imediatamente para o Distrito Federal a fim de assumir a Igreja do Nazareno em Sobradinho em 1º de abril de 1962. Os filhos do casal, Rev. Luiz Carlos Rocha Oliveira, Rev. Humberto de Carvalho Oliveira e Ruth Ormindia de Carvalho Oliveira Kreniski nasceram em Brasília. O Rev. Eduardo de Carvalho Oliveira, por sua vez, nasceu em Belo Horizonte.

“Uma bênção!”. Assim o Rev. José Zito define o fato de seus três filhos homens serem pastores. Porém, ele faz uma ressalva. Eles não foram incentivados ao ministério pelo pai. O Rev. José Zito diz que nunca incentivou seus filhos para irem para o seminário. Isso foi uma decisão espontânea de cada um deles, como uma resposta ao

chamado que Deus lhes fez. Algumas pessoas chegaram a criticá-lo, pois pensavam que um pastor deveria incentivar seus próprios filhos a seguirem o ministério. Sabiamente, ele acha que isso não depende de incentivo, mas do chamado do Senhor.

O Rev. José Zito, portanto, não esperava que os três filhos seguissem o ministério, mas reconhece que isso é uma bênção de Deus. O primeiro que demonstrou os sinais do chamado foi o Rev. Luiz Carlos, o mais velho. Aos dezoito anos ele foi para o seminário. Formou-se aos 22 anos e aos 23 já pastoreava uma congregação. Desde 1988 é o pastor titular da Igreja do Nazareno Central de Brasília.

Por sua vez, o segundo filho, o Rev. Humberto, sempre dizia que não seria pastor. Ele dizia que iria ser um bom crente, que iria trabalhar e ajudar o ministério pastoral dos pais e dos irmãos. Uma das alegações dele para isso, é que os pastores não tinham um salário à altura das responsabilidades que a igreja impõe. Além disso, ele havia testemunhado as dificuldades pelas quais o próprio Rev. José Zito havia passado no ministério pastoral. Porém, ninguém consegue resistir ao chamado do Senhor. Prova disso é que o Rev. Humberto também foi para o seminário. Desde 1992 ele é o pastor titular da Igreja do Nazareno em Jardim Leonor, que assumiu após ter pastoreado a Igreja do Nazareno em Jardim Nova Europa, em Campinas.

Ainda solteiro, em Campinas, demonstrou vontade de voltar para Brasília, mais precisamente para Sobradinho. Nenhum dos outros irmãos pensava em voltar para Brasília, somente ele queria voltar. Sua idéia, na época, era abrir uma escola no terreno da Igreja do Nazareno em Sobradinho de forma a intensificar o trabalho evangélico ali. Ironicamente, somente ele ficou em Campinas, enquanto que os demais irmãos voltaram para Brasília. O Rev. Eduardo, o caçula, desde 1990 é o pastor titular da Igreja do Nazareno em Asa Sul.

Um fato marcante na formação dos quatro filhos foi a insistência que a Prof^a. Zilta teve no sentido de que todos eles fizessem um curso universitário, além do seminário (no caso dos homens). Todos eles alcançaram esse objetivo.

O filho mais velho do Rev. José Zito, na verdade, chama-se José Carlos Oliveira. Ele nasceu em 1951, em Cabo Verde, e é fruto de um relacionamento anterior à sua conversão. Uma das principais recordações do José Carlos quanto à sua infância, foi o dia em que o Rev. José Zito o levou para conhecer o seu local de trabalho. Era o farol que ficava numa vila chamada Janela, na ilha de Santo Antão. Foi um dia realmente especial e que marcou a infância dele. Aquele passeio, cheio de grandes novidades, quebrou a sua pequena rotina e encheu o seu coração com o orgulho de conhecer o trabalho do pai.

O Rev. José Zito foi para o campo missionário quando o José Carlos tinha apenas cinco anos. Porém, o Rev. José Zito manteve freqüente contato com o seu filho por meio de cartas. Ainda criança, o José Carlos freqüentava a Escola Dominical da Igreja do Nazareno, porque morava numa casa em que a família era daquela Igreja. Depois de servir ao exército de Portugal (na época Cabo Verde ainda era uma colônia de Portugal), em 1975 ele decidiu emigrar para os Estados Unidos. Sua avó materna já havia levado a mãe dele para aquela terra. Hoje ele mora no Estado de Connecticut.

Por volta de 1985, o próprio Rev. José Zito foi visitá-lo nos Estados Unidos. Foi um dia marcante e cheio de ternas emoções. Assim que o José Carlos entrou em sua casa, ele recebeu o telefonema do Rev. José Zito. Imediatamente, sem mesmo desfazer as malas, pois estava voltando de uma viagem de férias, ele voltou à estrada e dirigiu por mais duas horas para encontrar-se com o seu pai em Boston.

Por meio de fotografias enviadas por cartas, o José Carlos já conhecia os seus meio-irmãos. Quando a Ruth foi morar naquele país, ela o visitou e iniciou a integração entre os irmãos. Alguns anos depois, o Rev. Luiz Carlos também o visitou. Todo esse interesse e esforço dos seus irmãos foi de enorme importância para o José Carlos, pois o calor familiar lhe trouxe uma imensa alegria. Ele sempre fora reconhecido como filho e irmão, mas desde então ele passou a ser conhecido pessoalmente por essa família que o recebeu de braços e corações abertos. Em 2005 ele veio ao Brasil e retribuiu as visitas.

Todo esse movimento familiar trouxe para o José Carlos algo de que ele fora privado durante sua infância. Desde pequeno, ele vivia com a sua mãe e tinha apenas o amor de mãe, não tinha a presença do pai em sua casa. Porém, com essa contínua aproximação familiar, ele tem descoberto que o seu pai sempre lhe teve um terno amor. Quanto à Prof^a. Zilta, ele a considera uma mulher maravilhosa, ao ponto de chamá-la de mãe, pois ela o recebeu tal qual um filho.

Uma das qualidades do Rev. José Zito que o José Carlos mais admira, é o fato de que ele levou uma vida dedicada a conquistar pessoas para Jesus. Orgulhoso do ministério do seu pai, ele reconhece a importância do trabalho pastoral que encaminha as pessoas para uma vida de comunhão com Deus. Dentre as lições de vida que se pode tirar do exemplo da vida do Rev. José Zito, ele destaca o amor que seu pai dedica a Deus e a forma como isso influencia positivamente a vida de outras pessoas. De certa forma, o José Carlos herdou uma das características mais fortes de seu pai, que é gostar de conhecer pessoas e fazer novas amizades. Dentre os filhos, ele é o que mais se parece com o pai, tanto fisicamente, quanto no modo de ser.

Os netos e os bisnetos

O Rev. José Zito tem sete netos no Brasil e mais dois netos e dois bisnetos nos Estados Unidos, filhos e netos do José Carlos: Christopher e Janice, que é a mãe de Jovan e Jasmine, que são os bisnetos. Os netos brasileiros são: a mais velha, Kariany, filha do Rev. Luiz Carlos, que tem dezoito anos, e o mais novo, Júlio, filho da Ruth, que completou seis anos em janeiro de 2006. Os outros netos são: Filipe, Henrique, Leonardo, Victor e Emily.

A convivência com eles é sempre muito boa e divertida. Os netos menores tomam conta da casa do Rev. José Zito. Eles espalham seus brinquedos por toda a casa, desde a mesa da sala até os cantos

dos quartos. Sem cerimônia, eles transformam a casa dos avós numa extensão de suas próprias casas.

O Rev. José Zito frisa que os filhos ou netos de pastor, ou de um cristão em geral, vivem em um ambiente doméstico favorável, mas eles não se tornam crentes automaticamente. É preciso que cada um, ao seu tempo, tenha a sua experiência de salvação por Cristo Jesus.

Meditação

Sl 127.3: *“Os filhos são um presente do SENHOR; eles são uma verdadeira bênção”* (NTLH).

Da mesma forma que os filhos naturais, devemos nos lembrar de que os nossos “filhos na fé” também são nossos herdeiros. O salmista chega a dizer que os filhos são “flechas na mão do guerreiro”. De fato, a nossa luta não é natural, mas espiritual. Na sua tarefa, os pastores empreendem uma ferrenha luta espiritual. Eles podem testemunhar que não há nada melhor do que ter “flechas na mão” para enfrentarem essas lutas, pois *“feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos”*.

As pessoas que estão próximas a você poderão ser as suas flechas. Fale com elas sobre o que Deus fez com a sua vida. Mostre a elas que Deus as convida para fazer uma aliança eterna. Faça com que elas saibam que essa aliança começa com uma entrega a Jesus Cristo, o único Salvador. Coloque diante de Deus, em oração, os nomes daquelas pessoas às quais você vai apresentar o evangelho nesta semana. Ore diariamente pelos seus filhos e seus discípulos na fé. Diga ao Pai que você quer ter uma numerosa descendência espiritual, para a glória dEle.

O ministério na Igreja do Nazareno em Sobradinho

De Abril de 1962 a 1966

O REV. WILLIAN RONALD DENTON foi destacado para iniciar o trabalho da Igreja do Nazareno em Sobradinho. Esta é uma das várias cidades-satélites de Brasília. Elas são chamadas dessa forma, pois ficam a poucos quilômetros da Capital e existem em função de Brasília. O Rev. Denton ficou em Sobradinho pouco mais de um ano, tempo suficiente apenas para erguer um modesto templo e uma casa pastoral, inaugurados em 1960. Houve tempo, ainda, para iniciar a Escola Classe Nazarena em 1961.

O terreno da igreja ficava no final da avenida principal. Felizmente, o asfalto ia até perto da igreja, por que, depois daquele ponto, as ruas eram de terra. Ou seja, praticamente não havia asfalto em Sobradinho. Além desse terreno, o Rev. Denton conseguiu outros para a Igreja do Nazareno construir os seus templos no Distrito Federal. Isso, porém, exigiu dele muito empenho para superar as várias dificuldades burocráticas que existiam.

Numa iniciativa arrojada, o Rev. Denton alugava um horário no sistema de alto-falantes da cidade, que fazia as vezes de rádio popular.

Freqüentemente ele pedia para a Prof^a. Zilta fazer as pregações por aquele sistema, em 1961, durante o período que ela morou em Sobradinho para implantar a referida Escola. Uma das pessoas que moravam na cidade, constantemente criticava aquelas pregações e os crentes em geral. Por fim, a filha dessa senhora se converteu e casou-se com um rapaz da Igreja do Nazareno. Hoje são pastores!

A Igreja do Nazareno em Sobradinho foi uma igreja pioneira. Quando ela foi estabelecida, não havia nenhuma outra igreja evangélica naquela cidade. Por esse motivo, a igreja ficava lotada durante os cultos. Isso foi no início do trabalho do Rev. Denton. Na medida em que as demais denominações também se estabeleciam na cidade, os irmãos aos poucos deixaram de freqüentar a Igreja do Nazareno e foram para as suas respectivas denominações. Conseqüentemente, houve uma queda considerável na assistência à igreja. Os nazarenos, propriamente ditos, ainda eram uns poucos recém convertidos.

Depois desse curto período, o Rev. Denton foi designado para um novo trabalho em São Paulo. A igreja ficou sem pastor por alguns meses. O Rev. James Eldon Kratz, outro missionário recém chegado ao Brasil, ainda estava aprendendo a falar o português, mas foi enviado provisoriamente para Sobradinho. Finalmente, em 1962, o Rev. José Zito Oliveira foi empossado como pastor titular daquela igreja. Essa foi a primeira igreja que ele pastoreou com o cargo de pastor titular. Era uma situação emergencial, por isso ele interrompeu o seminário para socorrer aquela igreja recém organizada e prematuramente órfã. Seu pastorado ali se desenvolveu de 1962 a 1966.

O casal Oliveira assumiu a igreja de Sobradinho em 1º de abril de 1962, logo após o casamento deles. Essa foi uma experiência cheia de surpresas. Quando chegaram, a casa pastoral estava completamente vazia. Na verdade, haviam encontrado apenas uma geladeira movida a querosene, mas que não funcionava. Além dessa geladeira, encontraram um terrível inseto chamado barbeiro, que transmite uma doença que afeta o coração da vítima. Foi um desses que transmitiu a Doença de Chagas ao Rev. James Kratz, poucas semanas antes.

A situação era desanimadora. Pior do que a casa estar vazia, foi o fato de que os móveis do casal haviam ficado em Belo Horizonte. Não fosse isso o bastante, a luz elétrica ainda não havia chegado até Sobradinho. Tudo era iluminado por meio de lampiões, tanto na casa quanto na igreja. A luz elétrica somente chegou àquela igreja depois de dois anos, por volta de 1964. Com muita paciência, abnegação e oração, as coisas foram sendo organizadas e a vida do casal foi sendo construída aos poucos, bem como o ministério pastoral.

Como não havia luz elétrica na região, o uso de lampiões era obrigatório em todos os lugares. Ocorria com frequência que, no meio do culto, o lampião começava a perder a sua luminosidade. Quando isso acontecia durante a pregação, o Rev. José Zito tinha que interromper o sermão enquanto os irmãos da igreja apagavam o lampião e bombeavam querosene para que ele voltasse a iluminar novamente.

Durante esse período de pastorado em Sobradinho, o estilo espontâneo de pregação deu lugar a um estilo mais técnico. O Rev. José Zito começou a escrever regularmente os seus sermões, o que possibilitou que tivéssemos acesso a eles, mesmo depois de quarenta anos. De acordo com a Profª. Zilta, todos os sermões dele eram bíbliocêntricos. Ou seja, eram doutrinários e expositivos com ênfase total no texto bíblico. Na verdade, essa marca ainda hoje se faz notar.

Um desses sermões, intitulado “Getsêmani” (de abril de 1963), baseado em Mc 14.50 (“Então, deixando-o, todos fugiram”), apresenta-se com a clássica estrutura de três tópicos. Logo em sua introdução, o Rev. José Zito nos convida a visualizar a cena no Jardim do Getsêmani. Transpondo-nos para o Calvário, ele faz um paralelo entre a cena da crucificação e as igrejas dos anos sessenta. O apelo à santificação é claro: “peça perdão Àquele que não te menosprezou”.

Pouco antes de voltar para Belo Horizonte, ele pregou sobre Isaías 6.1-8. Dizia ele que muitos querem ir, mas temem a responsabilidade. Por isso, não conseguem dizer: “*Eis-me aqui, envia-me a mim*”. Ao desafiar os irmãos da igreja a um compromisso sério e duradouro com a obra de Deus, ele ensinou o caminho: “para ser res-

ponsável, há que se ter a plenitude do Espírito [...] deixe o Espírito Santo tocar-te com a brasa viva do altar”.

Naqueles quatro anos, a Igreja do Nazareno em Sobradinho, apesar de seu estilo mais tradicional, chegou a ter um grupo de aproximadamente noventa jovens, que se reuniam nos cultos dos sábados à noite. A igreja tinha um ministério muito variado a ativo. Ao lembrar daquela época, mas sem esquecer o presente, o Rev. José Zito destacou a importância dos jovens para o crescimento da igreja. Diz ele que, para esse processo de crescimento, a igreja deve envolver os jovens em seus ministérios. Naturalmente, eles sempre querem mais movimento, mais ação, mais músicas modernas etc., mas essas são justamente as pontes para que eles se envolvam na missão da igreja e tragam seus amigos para ouvir o evangelho.

Naqueles quatro anos em Sobradinho, o Rev. José Zito e a Profª. Zilta empreenderam uma das iniciativas de maior êxito na Igreja do Nazareno no Brasil. Eles deram uma nova dinâmica à escola que o Rev. Denton havia iniciado na igreja. A Profª. Zilta, com sua experiência de educadora e de diretora de escola, conseguiu fazer um convênio com o Governo do Distrito Federal. Por meio desse convênio, a escola da igreja se tornou uma escola oficial. Daí o nome Escola Classe Nazarena. (Escola Classe é a forma como as escolas oficiais são chamadas no Distrito Federal). Basicamente, esse convênio previa que a igreja forneceria as instalações e o Governo contratava os professores. Essa escola funcionava nas dependências do templo, que passou por uma reforma. Com isso, foram disponibilizadas duas salas de aula para atender à nova situação.

Cerca de quatrocentas crianças estudaram naquela escola. Muitas delas hoje estão estabelecidas como profissionais na Capital da República. Essa escola também oferecia um curso de alfabetização de adultos à noite, pois havia muitos imigrantes pioneiros que vinham trabalhar na construção de Brasília e que não sabiam ler.

Além de cuidar dessa escola, a Profª. Zilta tinha que dar aulas no ginásio da cidade. Infelizmente, isso foi necessário porque o Distrito

Brasil não tinha condições de pagar um salário pastoral digno. Na época, a denominação fornecia uma verba pastoral suficiente para sustentá-los por apenas seis meses. Além disso, o povo da igreja era formado basicamente por trabalhadores da construção civil, que tinham uma renda muito baixa. Portanto, em várias ocasiões, as finanças da igreja dependeram da renda do casal pastoral. Não é exagero dizer: eles sustentavam a igreja, tanto espiritual quanto financeiramente.

A situação era duplamente constrangedora, pois a denominação não permitia que as esposas dos pastores trabalhassem! Essa postura era fruto da concepção cultural da época, que ainda não tinha reconhecido o valor profissional das mulheres, nem o valor do testemunho que elas davam no meio da sociedade.

Essa proibição, porém, tinha uma exceção. A denominação permitia que as esposas de pastores trabalhassem, desde que fosse na igreja. Com sabedoria e determinação, a Prof^ª. Zilta aproveitou aquela oportunidade e fez o referido convênio da escola com o Governo. Ao mesmo tempo, ela submeteu-se a um concurso público e, aprovada, tornou-se uma professora contratada. Portanto, ela era diretora da escola da igreja e também era professora do Governo.

Para evitar constrangimentos nas ocasiões em que o Superintendente fez visitas à igreja, ela teve que realizar verdadeiros malabarismos para que ele não percebesse que ela estava trabalhando para o Governo também. A despeito das limitações que a denominação impunha, esse foi o meio que o Senhor Jesus providenciou para que hoje o casal tenha uma aposentadoria razoável. Sem a aposentadoria dela, hoje a vida financeira do casal seria muito limitada.

Uma outra iniciativa do casal, desta vez destinada à ação social da igreja, foi o convênio com a Aliança para o Progresso. Mediante uma contribuição mensal, essa organização enviava roupas e mantimentos para serem distribuídos entre as sessenta famílias carentes da igreja. O casal pastoral recebia esses produtos e os dividia em porções familiares. Até mesmo na véspera do nascimento do primeiro filho do casal, eles empacotaram o abençoado fubá.

Naquela época, quem pregava o evangelho de Jesus Cristo em locais públicos enfrentava riscos. Em 1962, durante uma pregação na praça da cidade, alguns homens da multidão lançaram pedras em direção aos pastores que participavam daquele culto. Uma dessas pedras atingiu o Rev. José Zito na cabeça. Com o impacto, ele desmaiou e teve que ser levado ao hospital para receber cuidados médicos por causa do sangramento.

O início dos anos sessenta, no Brasil, foi marcado por uma série de distúrbios políticos que culminaram com a instalação da ditadura militar em 1964. Ela perdurou até 1989, quando ocorreram as primeiras eleições diretas para Presidente da República após a ditadura. (Nesse período, os Presidentes da República eram escolhidos pelo Congresso. Com a Constituição Federal de 1988, as eleições para todos os cargos passaram a ser universais). Infelizmente, aquele clima político tenso atrapalhou um dos serviços públicos mais importantes em qualquer lugar: o atendimento médico.

A Prof^ª. Zilta foi ao hospital público para dar à luz o seu segundo filho. O médico que a atendia, contrariando toda a ética médica e os princípios humanos, deixou mãe e filho, ainda ligados pelo cordão umbilical, abandonados sobre a mesa obstétrica. Ao sair, ele disse debochadamente que seu horário de trabalho havia terminado e que ela aguardasse o próximo médico de plantão. Um absurdo! No dia seguinte, ainda traumatizada, a Prof^ª. Zilta, com seu filho recém nascido nos braços, caminhou até a recepção do hospital, disse que estava de alta e pediu que uma ambulância os levasse até sua casa.

A instalação do Governo militar impôs à população do Distrito Federal uma dura realidade, na qual houve até o desabastecimento de gêneros alimentícios, mas o Senhor zelava por seu povo. O terreno da igreja, que é bastante generoso, mede cerca de 5000m². O Rev. José Zito plantou e cultivou um jardim, e também arborizou o terreno da igreja. Ainda hoje, ao redor do terreno existem várias daquelas árvores. O clube agrícola da escola era o responsável pelo pomar e pela horta comunitária, que abasteciam as famílias da igreja

e proviam mantimento para o lanche da escola. Nos finais de semana, as famílias dos alunos também faziam uma visita àquela horta, que, nos períodos de escassez, foi uma real providência de Deus.

Um desses períodos de desabastecimento de gêneros alimentícios coincidiu com um período de “vacas magras” na vida financeira do casal. Mas Deus, em sua fidelidade, sempre proveu o necessário para a subsistência. Certo dia, a Prof^a. Zilta estava na porta dos fundos da casa pastoral, orando e pedindo ao Senhor o provimento para aqueles dias difíceis. De repente, ela observou algo diferente por debaixo das folhagens do jardim. Chegou perto e viu que era uma abóbora bem grande. Minutos depois ela já estava exercitando sua criatividade culinária, para felicidade de todos. Durante uma semana, a família pastoral se alimentou daquela abóbora abençoada.

De volta à normalidade, surgiu um problema colateral. O Rev. Luiz Carlos, ainda um bebê, havia tomado gosto pelas “papinhas” preparadas à base daquela suculenta e colorida abóbora. Diante dos reiterados “protestos” dele, só restou uma única saída. Enquanto as outras abóboras não amadureciam, a Prof^a. Zilta teve que comprar abóboras na feira todas as semanas!

Para assumir o pastorado da Igreja do Nazareno em Sobradinho, o Rev. José Zito teve que interromper seus estudos teológicos, que já acumulavam dois anos. Essa interrupção causou um fato curioso. Alguns dos irmãos que se converteram durante os primeiros anos do ministério dele em Belo Horizonte também foram chamados por Deus e entraram no seminário para se prepararem para o ministério. Quando ele voltou a Belo Horizonte, alguns já tinham completado o curso. O caso mais interessante foi o do Pr. Anselmo. Ele se converteu durante uma pregação do Rev. José Zito em Belo Horizonte. Quando o Rev. José Zito retornou àquela cidade, o Pr. Anselmo veio a ser seu professor de psicologia no seminário! Já pensou, o discípulo ensinando ao seu discipulador? Naquele início do seminário em Belo Horizonte, os recém formados eram convidados a lecionar, aproveitando-se algumas de suas qualificações acadêmicas.

Terminar o seminário era um propósito pessoal do Rev. José Zito. Ele entendia que um pastor tinha que cumprir todas as etapas de preparação. Após quatro anos de pastorado, tendo consolidado o trabalho daquela igreja, ele julgou concluída a sua missão em Sobradinho. Então ele começou a pensar na volta da família para Belo Horizonte, visando terminar o seminário. Como os filhos ainda eram pequenos, não haveria muitos transtornos com transferências de escolas, por exemplo. Essa decisão foi totalmente apoiada por sua esposa, pois Deus estava preparando uma nova etapa no ministério deles.

Nesse período, uma providência de Deus testificou que esse era o tempo certo de eles voltarem a Belo Horizonte. A Prof^a. Zilta, que era funcionária concursada do Governo do Distrito Federal, foi aprovada num processo seletivo e ganhou uma bolsa de estudos para o curso de especialização em Administração Escolar. Esse curso era um dos mais conceituados no ensino público de Minas Gerais e seria realizado em Belo Horizonte, no mesmo período em que o Rev. José Zito pretendia concluir o seminário. Além disso, a bolsa de estudos seria fundamental para ajudar a cobrir as despesas da família.

Nem tudo, porém, era poesia na vida da família Oliveira. Havia oração incessante naquele lar, pois todos os dias surgiam novos motivos. Grávida, a Prof^a. Zilta solicitou uma licença. O seu filho caçula nasceria próximo ao dia marcado para a mudança da família para Belo Horizonte. Surpreendentemente, em vez de receber a licença, ela recebeu uma demissão sumária. Alegaram que não existia gravidez alguma. Dois meses depois, ela compareceu diante do Secretário de Educação do Governo do Distrito Federal com a Certidão de Nascimento nas mãos e com o seu filho Eduardo nos braços. Envergonhados, e temendo um processo judicial, as autoridades tiveram que desfazer às pressas os atos ilegais de demissão. Uma vergonha!

Quando decidiu voltar para Belo Horizonte, o Rev. José Zito tinha deixado a igreja bem encaminhada. Apesar das adversidades, aquela igreja estava experimentando um significativo e consistente progresso. Porém, os pastores que o sucederam não alcançaram o

mesmo êxito. Houve um pastor que foi para lá a contragosto, outro adoeceu e ficou apenas dois meses. Um dos que ficaram por mais tempo, logo acabou com a escola, simplesmente por que não aprovou aquela idéia. Esse pastor alegava que não era porteiro de escola. Além disso, ele também acabou com o belo jardim que havia na igreja. Para justificar-se, ele dizia: “Sou pastor, não jardineiro!”.

A reforma do templo da igreja em Sobradinho

Logo que chegou a Sobradinho e tomou posse do terreno doado pelo Governo, o Rev. Denton iniciou a construção do templo da igreja. O prédio foi construído em alvenaria, algo incomum para aquela cidade satélite de Brasília em 1960. Na verdade, esse foi o primeiro edifício de alvenaria construído em Sobradinho. Ainda hoje, quarenta anos após a sua construção, o templo continua lá com a mesma estrutura.

Infelizmente, a construção não foi bem executada. Quando o Rev. José Zito assumiu a igreja, havia rachaduras nas paredes por meio das quais era possível ver do outro lado! A situação era tão precária que, quando a chuva era mais intensa, o povo corria para a porta do templo temendo que o prédio desabasse.

O Rev. José Zito entrou em contato com um engenheiro, que era irmão da igreja presbiteriana, buscando uma solução técnica para o problema. Após a vistoria, aquele engenheiro orientou sobre o serviço urgente de restauração do edifício. O problema estava no alicerce, que tinha pouca profundidade e foi feito com tijolos furados, material que deveria ter sido usado apenas nas paredes.

Esse problema foi causado pela mão-de-obra. Naquela época, havia muita dificuldade em encontrar bons pedreiros, pois todos estavam empregados nas diversas obras espalhadas por Brasília. Só estavam disponíveis os “profissionais” de terceira ou quarta categoria. Por isso, o Rev. Denton teve que contratar um mestre de obras pouco

qualificado para a construção daquele templo. Os que conheceram o tal pedreiro diziam que ele entendia mais de cachaça do que de tijolo.

Para a restauração do templo, o engenheiro aconselhou a contratação de um bom mestre de obras, que deveria fazer o serviço por etapas: escavar e calçar com pedras e cimento, de dois em dois metros, abaixo das paredes. Foi esse serviço de restauração e calçamento que permitiu ao templo continuar servindo àquela igreja por mais de quarenta anos. Até hoje o povo da igreja adora a Deus dentro daquele prédio.

Meditação

1ª Pe 4.10: “*Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus*”.

A principal preocupação de um pregador, de um pastor e de um missionário deve ser o serviço ao próximo. Na função de pregador, o serviço é entregar a Palavra de Deus, a única capaz de tocar o coração das pessoas e chamar os pecadores a uma vida de santidade. Na função de pastor, o serviço é apascentar, cuidar e zelar das ovelhas. Na função de missionário, algumas vezes o serviço é deixar a sua vida confortável para levar a Palavra de Deus que vai salvar os perdidos e consolar os aflitos em lugares distantes.

De qualquer forma, o homem e a mulher que se dispõem a servir a Deus devem primeiro estar disponíveis para que o Senhor os encaminhe; em segundo lugar, devem estar atentos à necessidade de salvação das pessoas; em terceiro, devem cuidar para que as pessoas salvas sejam admoestadas a uma vida de santidade ao Senhor. Vamos começar pelo primeiro passo: Pai, “eis-me aqui, envia-me a mim”.

Brasília no início da sua construção

A PAISAGEM AO REDOR da nova Capital Federal do Brasil, no início dos anos sessenta, era desoladora e melancólica. Resumia-se, na verdade, a um interminável cerrado (vegetação esparsa de árvores baixas, retorcidas e de casca grossa, um tipo de savana sul-americana). O sol era inclemente e, como não havia construções, não havia também como se abrigar do sol. O trânsito constante de caminhões produzia uma espessa poeira que deixava tudo marrom. Na estação chuvosa, ela virava lama.

A concepção urbanística básica da nova Capital previa que o Plano Piloto, como Brasília é chamada por seus moradores, estaria no coração do Distrito Federal e seria todo setorizado. Esse tipo de urbanização faria com que as áreas de comércio e de atividades do Governo, por exemplo, tivessem seus espaços independentes e bem demarcados. As poucas áreas residenciais dentro do Plano Piloto seriam destinadas aos servidores públicos.

Brasília, Sede do Governo Federal, seria o pólo econômico da região. Ao redor desse núcleo, seriam criadas as cidades-satélites, cuja

principal finalidade era abrigar a enorme massa de trabalhadores da construção civil e de imigrantes que vieram para construir Brasília, mas que não teriam como morar no Plano Piloto. Uma dessas cidades era Sobradinho. Ainda de acordo com aquela concepção urbanística, as cidades-satélites ficariam não muito próximas do Plano Piloto. Brasília e suas cidades satélites ficam localizadas no Distrito Federal, que corresponde a um dos Estados da Federação.

Era difícil viver na Brasília daqueles primeiros anos. A questão do transporte público era crítica. Todo o transporte da população era feito por meio de poucos ônibus. Por serem poucos e terem uma baixa frequência, nenhum trabalhador gostaria de perder a oportunidade de entrar no primeiro ônibus que passasse à sua frente. Se perdesse o ônibus daquele horário, a pessoa teria que esperar horas em pé, sofrendo sob o sol ou sob a chuva. Como não havia organização nos pontos de ônibus, entrar neles era uma verdadeira luta. Todos se empurravam para tentar entrar nos ônibus. O único lugar em que faziam filas e se organizavam era na rodoviária do Plano Piloto, no sentido inverso, ou seja, para voltar a Sobradinho, por exemplo.

Diante dessa dificuldade de transporte, quando os moradores das cidades-satélites precisavam resolver qualquer problema no Plano Piloto, tinham que reservar um dia inteiro para essa tarefa, pois era uma atividade muito cansativa e demorada.

Ainda nos primeiros anos da década de sessenta, havia poucas construções na cidade. Nem mesmo todas as instituições do Governo tinham sido transferidas para Brasília. Metade do Plano Piloto ainda era somente cerrado virgem. Da rodoviária, que era o ponto central e referencial da época, para o lado da Asa Norte (que é a metade da cidade), não havia nada. A Ponte do Bragueto, que fica na extremidade norte de uma das principais avenidas de Brasília, o Eixo Rodoviário, e que também cobre um braço do Lago Paranoá, marcava o final da cidade.

Se o deslocamento entre Brasília e as suas cidades-satélites era feito com tantas dificuldades, pode-se imaginar, então, o que era

viajar de outras cidades até Brasília. O Rev. Denton, quando veio para a Capital a fim de conseguir um terreno para a Igreja do Nazareno, escreveu dizendo que dirigir entre Belo Horizonte e Brasília era dirigir no meio da vastidão da vida selvagem do cerrado brasileiro. Não se via nada, só cerrado!

As grandes distâncias entre o Plano Piloto e as cidades satélites criavam outra dificuldade: os motoristas de táxis, ao passar pela Ponte do Bragueto, por exemplo, acionavam a “bandeira 2”. Isso significava que, a partir dali, a viagem custaria mais caro. Com isso, eram gastas pequenas fortunas quando era necessário usar o táxi para ir de Brasília até Sobradinho, uma distância de cerca de 25 quilômetros, feita por uma estrada que tinha só uma via asfaltada.

Porém a história provou que a idéia de construir uma nova Capital nacional no coração do Brasil foi acertada, tanto política, quanto economicamente. A integração do país foi acelerada e um grande fluxo migratório conduziu milhares de brasileiros das regiões litorâneas para o interior do país em busca de novas oportunidades.

A partir do nada, ou melhor, a partir do cerrado virgem, em 45 anos, a população do Distrito Federal já é superior a 2,1 milhões de habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Além dessa população, ao redor de Brasília existe uma faixa territorial denominada Região Geoeconômica do Distrito Federal, que inclui alguns municípios limítrofes dos Estados de Goiás e de Minas Gerais. Essa Região possui uma população equivalente a vinte ou trinta por cento da população do Distrito Federal. Muitas dessas pessoas trabalham ou dependem da economia de Brasília, que, em 2003, alcançou o terceiro maior Produto Interno Bruto entre os municípios brasileiros.

O setor terciário da economia local domina a matriz produtiva. Atividades ligadas à prestação de serviços e ao comércio provêm a maioria dos empregos e da renda local. Outro setor que mostra vigor crescente é o da educação superior. Brasília possui um dos maiores índices de faculdades e universidades por milhão de habitante.

Sua população predominantemente jovem participa ativamente da vida política e cultural da cidade, fato reforçado pelo elevado grau de escolaridade média da população. No entanto, ainda há cerca de 70% da sua população que não conhecem a Jesus Cristo como o seu Salvador pessoal. Que campo missionário!

O ministério na Igreja do Nazareno em Sagrada Família

De 1966 a 1968

A EXPANSÃO DOS TRABALHOS da Igreja do Nazareno pelo amplo território brasileiro exigia pastores para assumirem as igrejas e as congregações que se estabeleciam. No início, a igreja podia contar com os seus missionários, especialmente os americanos. Porém, logo eles seriam insuficientes para todo o trabalho. Diante disso, houve a necessidade de enviar pastores brasileiros ao campo para exercerem os seus ministérios. Um desses pastores foi o Rev. José Zito Oliveira. Isso fez com que ele adiasse sua formação acadêmica. Ele suspendeu seus estudos enquanto pastoreou a Igreja do Nazareno em Sobradinho, de 1962 a 1966.

Um fato inusitado decorrente dessa necessidade, foi que, enquanto ele pastoreava, seus discípulos estudavam. Ele havia enviado para o seminário alguns discípulos que ele próprio evangelizou. Contudo, enquanto eles acumulavam conhecimento acadêmico, o Rev. José Zito acumulava experiência na liderança de igrejas, no trato pastoral e na pregação da Palavra.

Ao recordar-se de vários desses discípulos que hoje são pastores, o Rev. José Zito lembrou

com carinho de um deles que se converteu por meio de sua pregação. Naquele dia, em Belo Horizonte, ao ser convidado para ir até o altar e fazer a entrega da sua vida a Cristo, esse discípulo, de tão emocionado pela salvação que Deus lhe concedia naquele momento, quis ajoelhar-se sobre o corrimão do altar!

Depois de quatro anos servindo na igreja em Sobradinho, em 1966 o Rev. José Zito voltou para Belo Horizonte com o intuito de terminar o seminário. Sua formatura se deu em 1967. Na igreja do Nazareno, concluído o seminário, ocorre a formatura. Isso não quer dizer, porém, que o formando recebe a ordenação automaticamente. Na verdade, antes de ser ordenado, o candidato, além de formado, deveria pastorear uma igreja ou congregação por dois anos (critérios da época). Só depois disso ele seria ordenado.

Curiosamente, apesar de estar formado e de ter mais do que dois anos de pastorado, sua ordenação somente ocorreu em 1972. Essa demora foi decorrente de outra característica da Igreja do Nazareno. Ainda hoje, o pastor somente recebe a ordenação, ou seja, o título de reverendo, das mãos de um dos Superintendentes-Gerais. No caso do Rev. José Zito, o Superintendente-Geral com jurisdição sobre a América só veio ao Brasil em 1972, quando então foi realizada uma Assembléia do Distrito Brasil em que houve a cerimônia de ordenação.

Ao voltar para Belo Horizonte com o intuito de terminar seus estudos teológicos, o Rev. José Zito não quis se dedicar apenas ao seminário, pois sua vocação pastoral era vibrante. Assim, ele foi trabalhar na Igreja de Barroca como pastor auxiliar do Rev. Roger Michael Maze, casado com Dona Mary Ann, que chegaram ao Brasil em 1964. O Rev. Maze era o Deão do seminário em Belo Horizonte. Essa igreja havia iniciado uma congregação no bairro Sagrada Família. O Rev. José Zito assumiu o trabalho ali, tendo em vista que precisavam de um pastor para cuidar daquele povo. Uma de suas principais realizações foi organizar aquela congregação e torná-la uma igreja auto-sustento. Ele ficou lá de fins de 1966 até 1968.

Quando o Rev. José Zito e a Prof^a. Zilta chegaram, a congregação reunia-se na casa de uma família nazarena, mas logo tiveram que fazer as reuniões em um salão alugado, pois muitas pessoas se interessavam pelo evangelho. À medida que a membresia da congregação crescia, também aumentava a necessidade de se ter um templo.

Na verdade, aquela igreja foi um desafio imenso que Deus colocou diante do casal Oliveira. Sem esmorecer ou lamentar, o casal pastoral enxergou ali uma porta aberta pelo Senhor para que o ministério deles fizesse diferença na vida daquelas pessoas. De porta em porta, o Rev. José Zito percorria a vizinhança evangelizando e convidando todos para os cultos da congregação.

Não tardou para que as primeiras conversões ocorressem. Logo que se convertiam, aqueles irmãos deixavam seus vícios e se propunham a uma vida de santidade. Depois de transformados espiritualmente, eles empreendiam as suas próprias transformações pessoais e sociais. Família, roupas, atitudes, estudos, casas, tudo passou a ter um novo significado para eles, pois eles entenderam que eram cidadãos do Reino de Deus, consagrados ao Senhor Jesus.

O Rev. José Zito guarda uma recordação muito carinhosa do povo daquela congregação, pois os irmãos eram muito animados e se envolviam na obra do Senhor com paixão. Para uma congregação com esse ânimo, era entusiasmante preparar e pregar os sermões. Naquela época, a sua pregação já possuía um perfil clássico pastoral, ora evangelística, ora devocional. Especialmente porque as igrejas evangélicas no Brasil tradicionalmente realizam um culto devocional, no domingo pela manhã, e outro evangelístico, à noite.

Além dos desafios ministeriais, havia outro de igual magnitude. Era grande a dificuldade quanto ao deslocamento da família pastoral entre a sua casa e a igreja. O Rev. José Zito e a sua família moravam em uma extremidade da cidade e a igreja ficava no lado oposto. Praticamente, eles tinham que atravessar a cidade para ir à igreja. Eles não tinham carro naquele tempo, por isso todo o transporte era feito utilizando-se os ônibus. Porém, até isso era complicado. A família ti-

nha que pegar um ônibus de casa até o centro da cidade. Do centro eles tinham que pegar outro ônibus para o bairro da igreja. Porém, ao chegar ao centro da cidade, era necessário caminhar um bom trecho a pé, porque as paradas dos respectivos ônibus ficavam distantes uma da outra. Adicione-se a isso o fato de que as crianças os acompanhavam. Naturalmente, havia dias em que as crianças choravam e exigiam um pouco mais de paciência do casal pastoral.

Nessa época, a família experimentou um carinho todo especial do Senhor Jesus. Depois de poucas semanas em Belo Horizonte, eles foram presenteados com a oportunidade de morar numa excelente casa no bairro Padre Eustáquio. O dono, que era um irmão consagrado, cobrou deles, a título de aluguel, o mesmo valor que eles pagavam por uma pequena moradia. Ao se mudarem, eles se deram conta de um novo problema: a falta de móveis, pois a casa era enorme.

O contraste criado entre essa casa e o bairro da igreja lembrava a eles a grandiosa missão que tinham pela frente. Não podiam se apegar àquela situação, aparentemente boa para a sua família, pois o povo da igreja estava vivendo em casas humildes. Porém não podiam pregar para a congregação que a vida se resumia às condições daquele bairro da igreja, pois o Senhor Jesus mostrava sua bondade deixando o casal pastoral morar numa mansão pagando o preço de uma casinha. Em outras palavras, eles não podiam deixar que o povo se contentasse com a sua situação econômica, pois eles mesmos estavam experimentando a prosperidade do Senhor.

Além do seu rápido crescimento espiritual, aquela igreja marcou o coração pastoral pelo crescimento social. A situação geral do bairro era tão desanimadora, que era considerada pior do que a que eles deixaram em Sobradinho, onde muitas famílias dependiam de programas assistenciais. Foi ali, no entanto, que esses pastores viram de forma nítida e inequívoca o poder de Deus libertando, curando e transformando as pessoas. Apesar de ser uma comunidade muito carente, o Rev. José Zito e a Prof^a. Zilta não fizeram nenhum tipo de ação assistencialista. Pelo contrário, toda a transformação espiritual e

social ocorreu como resultado da pregação. A Profª. Zilta resume o milagre social e espiritual que ocorreu em Sagrada Família com uma frase poética: “- Foi lindo o que Deus fez ali!”.

O Rev. José Zito pastoreou a Igreja do Nazareno em Sagrada Família por dois anos, de 1966 a 1968, aproximadamente. Esse tempo foi suficiente apenas para construir o primeiro templo para a igreja. Em 1968, ele aceitaria um novo desafio ministerial.

A construção do templo da Igreja do Nazareno em Sagrada Família

A igreja possuía um lote que ficava na parte mais baixa da rua, próxima a um riacho. Evidentemente, esse era um local inadequado para uma igreja. O primeiro desafio foi vendê-lo e comprar outro lote em um lugar com boa localização. Na mesma rua, havia um lote disponível num local mais elevado, que foi comprado para o templo.

A construção, propriamente dita, foi no sistema de mutirão. Esse sistema de trabalho comunitário, em que as pessoas se mobilizam com um objetivo em comum, é muito utilizado no Brasil. Todos os irmãos se dispuseram a cooperar com dinheiro, material e trabalho, apesar da dificuldade social e financeira em que eles viviam. Aquela construção foi um passo de fé!

Para legalizar a obra, tentaram tirar o alvará de construção, mas a burocracia da prefeitura era muito grande e demorada. Havia uma série de exigências e de prazos. Um irmão da igreja, que entendia um pouco mais de obras, disse: “pastor vamos construir. Depois da construção, então, com o prédio pronto, não haverá como a prefeitura negar o alvará e o habite-se”. Assim iniciaram a construção. Passaram-se as semanas e os meses. A construção chegou ao fim, porém os fiscais da prefeitura jamais apareceram para fiscalizar a obra.

Meditação

Fp 4.11-13: “*Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece*”.

Deus usa as circunstâncias que nos cercam com o propósito de nos edificar. O contraste social ao qual a família pastoral foi exposta, deu-lhes maior dependência do Senhor Jesus. Também lhes deu a certeza do poder transformador do evangelho numa sociedade carente. Quando a luz do evangelho alcança os menos favorecidos socialmente, logo eles percebem a penumbra em que suas vidas estavam. Os raios da esperança trazidos pelo evangelho lhes despertam os sonhos e a auto-estima. O brilho do cidadão do Reino incendeia o coração do cidadão da terra. Na verdade, Jesus disse: “*Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida*” (João 8.12).

Você é justamente a pessoa que tem a missão de apresentar Jesus, a luz transformadora de vidas, para as pessoas que estão ao seu redor. Agradeça ao Pai por essa missão. Logo, logo você estará contabilizando as transformações espirituais e sociais que ocorrerão por meio do seu ministério. Dê toda a glória ao Senhor Jesus.

O ministério na Igreja do Nazareno em Asa Sul

De Março de 1968 a Agosto de 1983

BRASÍLIA É UMA CIDADE planejada. Na sua concepção, o urbanista desenhou a cidade no formato que lembra o desenho de um avião. Logo os seus dois principais bairros foram chamados de Asa Sul, o primeiro a ser construído e habitado, e de Asa Norte. Essas Asas, compostas por várias Superquadras, conectam-se no ponto central da cidade, que é marcado pela sua rodoviária. As duas Asas também são conhecidas como Plano Piloto.

Ao redor desse Plano Piloto, foram construídas várias cidades-satélites. Uma delas é Sobradinho, onde a Igreja do Nazareno ergueu o seu primeiro templo no Brasil. Efetivamente, a Igreja do Nazareno ainda não havia chegado à Capital do Brasil, pois estava apenas em sua periferia.

O Rev. William Ronald Denton também havia conseguido um outro lote para a Igreja, doado pelo Governo do Distrito Federal. Na verdade, o lote foi comprado por um preço simbólico. Esse lote fica dentro de uma das Superquadras da Asa Sul, a SQS 411. O Governo do Distrito Federal fazia as doações de terrenos

no início de Brasília como uma forma de estimular as construções na cidade e prover para a população os serviços religiosos e educacionais, dentre outros.

Não se sabe exatamente o porquê, mas a NOVACAP, empresa que cuidava da administração de Brasília, havia concedido o uso daquele terreno à Igreja Metodista. Esta, por sua vez, havia construído uma capela de madeira que contrastava com os edifícios residenciais daquela Superquadra. O padrão adotado nas construções de Brasília é o uso de tijolos e concreto.

Quando ainda estava em Sobradinho, por volta de 1966, um pouco antes de sua volta a Belo Horizonte, o Rev. Almir Bahia, pastor da Igreja Metodista, foi visitá-lo para dizer que aquela Igreja iria liberar o terreno devolvendo-o à Igreja do Nazareno, legítima proprietária do terreno. Houve tempo, ainda, para uma breve negociação que resultou na compra da capela que os metodistas haviam construído. Um dos motivos para essa compra era aproveitar o que já estava pronto, especialmente porque não havia recursos para erguer um templo definitivo ou até mesmo construir uma outra capela. Era a oportunidade certa para implantar a Igreja do Nazareno em Asa Sul, dentro da recém inaugurada Capital Federal do Brasil.

Porém, a Igreja do Nazareno não dispunha de qualquer pastor que pudesse assumir aquela igreja. O Superintendente já tinha iniciado a sucessão pastoral para a Igreja em Sobradinho, enquanto que o próprio Rev. José Zito já havia feito os preparativos da mudança de sua família para Belo Horizonte. Por esses motivos, a capela ficou fechada por dois anos, justamente o tempo em que o Rev. José Zito esteve em Belo Horizonte organizando a congregação de Sagrada Família e concluindo o seu curso no seminário.

Nesse ínterim, o Superintendente, Rev. Mosteller, queria que o casal Oliveira fosse para o Rio de Janeiro. Pressionados, eles explicaram que se fossem mandados para o Rio, a Igreja do Nazareno teria que reembolsar ao Governo do Distrito Federal o valor da bolsa do curso de especialização em Administração Escolar da Prof^a. Zilta.

Como a Prof^a. Zilta ainda estava de licença por conta do curso, ela teve que voltar a Brasília para pedir demissão do seu emprego e negociar o reembolso dos custos do curso de Belo Horizonte. Na viagem em que trazia o Rev. Eduardo, ainda bebê, ela teve uma visão: a igreja da Asa Sul aberta e uma multidão vindo. Enquanto isso, em Belo Horizonte, o Rev. José Zito teve a convicção de que eles deveriam ir para Brasília e abrir a igreja na Capital.

Chegando a Brasília, ainda impactada pela visão, a Prof^a. Zilta pediu um sinal para Deus em oração. Assim que chegou à casa pastoral, que ficava nos fundos da capela da igreja, e que era usada pela família do caseiro, ainda com as malas na mão, ela foi abordada por algumas pessoas que queriam saber se haveria uma escola ali. Foi o primeiro sinal. À noite, uma família bateu à porta querendo saber a que horas seria o culto. Segundo sinal. Sem demora ela disse que o culto começaria naquele momento. Compartilharam a Palavra, louvaram, oraram. Foi um culto à luz de lamparina, mas onde brilhou a graça de Deus. Ao final, a família visitante entregou uma oferta, o terceiro sinal. Conforme Deus havia plantado no coração deles, aquela oferta foi usada para iniciar a restauração da capela. No dia seguinte, em vez de pedir demissão, a Prof^a. Zilta reassumiu o seu cargo.

Durante um mês, ela trabalhava de segunda a sexta em Brasília e nos finais de semana ela voltava para Belo Horizonte. No coração do casal pastoral, o desejo de voltar para Brasília já estava consolidado pelos sinais. Expuseram os fatos ao Superintendente que, sensível à direção que Deus estava dando para a Igreja do Nazareno no Brasil, autorizou a mudança deles definitivamente para Brasília.

Quando o Rev. José Zito voltou para Brasília, ele encontrou a capela num estado lastimável. Todos os vidros estavam quebrados, a fiação elétrica havia sido roubada, o teto tinha goteiras, o assoalho de madeira estava cheio de lombadas, pois a água da chuva entrava pelas goteiras e depois o calor do sol empenava a madeira. Foram necessários dois meses de trabalho árduo e um bom investimento financeiro para recuperar a capela. Só então foi possível iniciar o trabalho.

O culto oficial de inauguração da igreja, que marcou o início efetivo do trabalho, foi em Maio de 1968. Foi escolhido o domingo em que se comemorou o dia das mães. Para aquela inauguração, o Rev. José Zito convidou os vizinhos, bem como algumas outras igrejas evangélicas que já estavam estabelecidas no Plano Piloto, porém nenhuma delas apareceu ou enviou representantes. Na verdade, uma única igreja prestou sua solidariedade mandando o seu coral para apresentar um número especial. Era o coral da Igreja Presbiteriana Independente de Brasília. As pessoas presentes prestaram um culto a Deus pela oportunidade de abrir mais um templo da Igreja do Nazareno. Era o humilde começo de uma grande obra.

O Superintendente era de opinião de que deveriam fechar a capela novamente. Ele havia aconselhado ao Rev. José Zito a deixar a capela fechada por alguns meses até que fossem feitos contatos com as pessoas da vizinhança. A idéia dele era que o trabalho começasse com algumas pessoas evangelizadas. Porém, ele não sabia do andamento das reformas e do trabalho evangelístico que o Rev. José Zito estava fazendo. Resoluto, ele disse ao Superintendente: “isso não será possível, pois já dei início ao trabalho. A capela já está aberta! Tendo gente ou não, ela já está aberta”. Era uma forma de a comunidade saber que a igreja estava ali pronta para servir e pregar o evangelho.

Usando os poucos recursos de que dispunha, às vezes, o Rev. José Zito colocava um aparelho de som na porta da capela e ficava ouvindo a música no intuito de atrair e convidar as pessoas que passavam por ali.

As pessoas foram chegando aos poucos; as conversões estavam acontecendo. Como ainda não havia uma igreja formada, a missão do Rev. José Zito era mais evangelística do que pastoral.

Veza ou outra, o Senhor Jesus mandava para a igreja uma pessoa mais comunicativa e que tinha muitos amigos. Isso ajudou muito a Igreja do Nazareno em Asa Sul em seu início. Depois de algum tempo, chegou à igreja uma jovem senhora que sabia tocar acordeão.

Logo, então, compraram um acordeão e pediram que ela tocasse. É claro que ela não tinha o costume de tocar os hinos, pois era recém convertida, mas aos poucos ela aprendeu os hinos e os louvores.

Naturalmente, a assistência naqueles primeiros dias era muito irregular, mas pode-se dizer que o grupo mais expressivo da igreja era o das crianças. Os filhos do Rev. José Zito, em pouco tempo, se integraram na vida da comunidade. Com isso, eles convidavam os seus amiguinhos da vizinhança e da escola.

Um grave problema social de Brasília, que persiste ainda hoje, remonta há décadas passadas. São os meninos de rua. O Rev. Luiz Carlos, ainda criança, era um dos que faziam amizade com os meninos que vagueavam pelas Superquadras vizinhas à da igreja. Em certa ocasião, compadecidos, filho e mãe abrigaram alguns desses meninos de rua em sua casa, que ficava nos fundos da capela de madeira. Esses meninos realmente não eram pessoas fáceis de lidar. Inconseqüentes, eles chegaram a atear fogo na capela! Num certo domingo, durante o culto, a capela foi cercada por policiais em suas viaturas. Ao perceberem a presença da polícia, imediatamente esses meninos foram para o altar, buscando, quem sabe, o livramento divino do castigo iminente. Porém aprenderam ali que a fé exige responsabilidade.

“Criança gosta de novidade!”. Com essa frase, o Rev. José Zito lembrou-se de um fato curioso. Por ocasião de uma das eleições para pastor da igreja, os seus filhos votaram contra, pois eles queriam se mudar para Campinas. Lá eles tinham primos e outros amigos que sempre reviam nas férias. De fato, anos depois, isso aconteceu.

Numa época em que as finanças da igreja entraram em crise, devido à infidelidade de algumas pessoas, Deus providenciou o socorro de forma surpreendente. Primeiro, os irmãos fiéis foram duplamente abençoados, tanto por meio de promoções como por meio de mais serviço, no caso dos profissionais autônomos.

O segundo modo foi ainda mais interessante. Durante alguns meses, o casal pastoral havia acompanhado uma senhora e seu filho

que tinha problemas neurofisiológicos. Depois de algum tempo, já morando em Goiânia, cidade que fica duzentos quilômetros distante de Brasília, a mãe do menino ficou viúva. Inesperadamente, ela voltou a Brasília somente para devolver o dízimo de sua herança. O detalhe é que ela viajou de ônibus carregando todo o dinheiro da herança numa simples mala!

Na sua função secular, a Prof^ª. Zilta também evangelizava e dava o testemunho de uma vida consagrada ao Senhor. Durante alguns anos, ela exerceu um cargo público de alta responsabilidade, com direito, inclusive, a carro oficial com motorista à sua disposição. Tendo que administrar verbas públicas, ela tinha que zelar por sua imagem de profissional íntegra e competente, ao mesmo tempo em que zelava por seu testemunho de esposa de pastor e de cristã comprometida com a santidade. Ela também aproveitava as oportunidades profissionais para testemunhar do poder salvador do Senhor Jesus àquelas pessoas que dificilmente iriam a uma igreja evangélica.

Contrariando as expectativas dos colegas, dos parentes e da sociedade em geral, que imaginavam que ela iria morar em uma mansão, semelhante à que a família morava em Belo Horizonte, ela aceitou o plano do Senhor. Assim que chegaram a Brasília, eles foram morar em um excelente apartamento numa das melhores Superquadras da Asa Sul. Um privilégio na época, principalmente por que havia uma carência generalizada de moradias para a classe média.

Prejudicados por um amigo que era pastor (de outra denominação), e que havia feito a sublocação do imóvel à revelia da proprietária, eles tiveram que sair do apartamento às pressas. Sem ter outra opção na cidade, eles foram morar na modesta casa pastoral, que ficava anexa à capela de madeira da igreja. Reconhecendo que aquela situação representava um propósito para a vida deles, ela não se deixou levar pelas expectativas, nem pela vaidade. Não se envergonhou, por exemplo, de que seus colegas de trabalho soubessem que ela morava num barraco de madeira, a capela, que, mesmo depois de reformada, ainda contrastava negativamente com a vizinhança.

Nessa época, a Profª. Zilta foi contemplada com uma bolsa de estudos para fazer um curso de especialização em Tecnologia da Instrução nos Estados Unidos. Ao voltar para o Brasil, ela passou a prestar consultoria para diversas empresas, inclusive bancos, que a contratavam para estruturar as suas áreas de treinamento e implantar o conceito de treinamento à distância, o que na época era uma novidade no Brasil. Ela considera que essa foi uma das formas que Deus providenciou para que a família pastoral tivesse mais tranquilidade financeira para superar as adversidades causadas pela membresia infiel.

Apesar de gozar de todas as facilidades que a nacionalidade portuguesa lhe conferia em relação ao Brasil. O Rev. José Zito tentou naturalizar-se brasileiro. Depois dos trâmites burocráticos de praxe, o seu pedido, porém, foi negado. Qual teria sido o motivo? As autoridades alegaram que existiam outras pessoas com o nome igual ao dele. Para complicar a situação, uma dessas pessoas estaria com problemas na justiça. Ele esqueceu-se de tentar a naturalização por outra forma, pois estava casado com uma brasileira e seus filhos haviam nascido aqui. Motivos pelos quais ele nunca havia se preocupado muito em regularizar a sua documentação.

Numa viagem a Los Angeles para participar de uma das Assembléias Gerais da Igreja do Nazareno, o Rev. José Zito descobriu que não tinha pátria. Quando ele nasceu, Cabo Verde era uma colônia de Portugal. Portanto, ele tinha a cidadania portuguesa. Porém, desde que Cabo Verde se tornara uma república independente em 1975, os estrangeiros oriundos daquele país passaram a portar documentos da nova república para continuarem legalmente no Brasil. Por isso, as autoridades brasileiras não re-conheceram a antiga documentação de Portugal que ele ainda usava. Conclusão, ele sentiu-se como quem não tem pátria. Somente depois de muita argumentação, as autoridades emitiram um passaporte provisório para que ele pudesse ir aos Estados Unidos. A naturalização dele só foi efetivada em 1994.

Desde 1964 até 1989, quando novamente tivemos eleições diretas para Presidente da República, o Brasil esteve sob a ditadura militar. Era comum, especialmente em Brasília, que agentes do serviço de informações do Governo freqüentassem as igrejas católicas e evangélicas. Infelizmente, não eram visitas movidas pela fé; mas sim para ouvir o que os clérigos pregavam em seus púlpitos. Na verdade, isso foi comum também nas universidades e no meio artístico.

Essa crise política chegou ao ponto de uma pessoa, que se dizia agente da polícia, pedir para o Rev. José Zito delatar as pessoas da igreja que pensavam contra ou criticavam o Governo. Indignado, ele disse que não faria isso de jeito nenhum, pois a sua missão era abençoar, não delatar.

Em um de seus sermões, intitulado “Deus tem um plano para a sua vida”, baseado em Efésios 2.1-10, O Rev. José Zito ministrou a sua doutrina ao coração da igreja. Com argumentos sólidos e bem elencados, ele mostrou que se os ouvintes crêem em promessas, eles devem também crer que Deus tem um plano para as suas vidas. Mas para desfrutar desse plano, são necessários obediência e fidelidade total ao Senhor. Desde a introdução, o Rev. José Zito utilizou-se de passagens da Bíblia bem conhecidas para fixar na mente dos ouvintes a Palavra de Deus.

O Rev. José Zito pastoreou a Igreja do Nazareno em Asa Sul por quinze anos, de 1968 a 1983. Nesse período, além do rádio, algumas denominações passaram a utilizar a TV como meio de evangelização de massa. Houve um pregador que chamava muito a atenção de crentes e não crentes. Tratava-se de um evangelista da Igreja Assembléia de Deus dos Estados Unidos. No início da década de 1980, esse evangelista fez muito sucesso. Seus programas semanais corriam o mundo e eram prestigiados por inúmeros irmãos no Brasil também. Com um culto carismático, uma pregação eloqüente, bons cantores e boa música, aquele televangelista apresentava um culto lindo e inspirador. Era um programa de excelente qualidade, mas aquele homem vivia uma vida dupla.

Ao relembrar os problemas que alguns evangelistas enfrentaram no auge de suas carreiras, o Rev. José Zito destacou a necessidade de uma vida consagrada ao Senhor, de constante santidade, tanto na vida pessoal quanto ministerial. Conforme ele sempre diz: “nós temos que olhar para Cristo, porque se a fé do cristão estiver baseada na vida do pregador, no caso de o pregador cair, essa pessoa também cairá. O certo é manter seus olhos sempre fixos em Jesus, que é o Autor e Consumador da nossa fé”.

Outro pregador de destaque, na época, foi o Rev. Billy Graham, que também tinha o seu trabalho evangelístico veiculado pela televisão. Ele não era tão carismático quanto o evangelista da Assembléia de Deus, pois o seu estilo de pregação era mais tradicional e equilibrado. Mas ele tinha outras qualidades, especialmente ligadas ao caráter. O Rev. José Zito destaca a integridade desse servo de Deus. Seu ministério sempre foi muito observado por amigos e inimigos, mas jamais houve qualquer ataque ao seu caráter.

Durante as campanhas mundiais de evangelização do Rev. Billy Graham transmitidas pela televisão, o Rev. José Zito convidava os seus vizinhos, de porta em porta, a ligarem os seus aparelhos de televisão para assistirem às pregações.

Em certa ocasião, o Rev. José Zito teve a chance de participar de uma de suas cruzadas evangelísticas em São Paulo. Ele se lembra de que foi uma campanha bem organizada e muito abençoada. Uma enorme multidão estava presente. Na hora do apelo, muita gente foi à frente, até a plataforma, para declarar sua entrega a Cristo.

A construção do templo da Igreja do Nazareno em Asa Sul

A igreja estava estabelecida definitivamente e crescia com a graça do Senhor Jesus. Depois de alguns anos, a igreja já tinha um bom grupo de irmãos. Porém eles ainda se reuniam na capela que, feita de

madeira, destoava completamente do padrão das construções da Asa Sul. Enquanto o trabalho pastoral e os irmãos davam bom testemunho na comunidade, a capela fazia o contrário, pois os vizinhos a desprezavam, julgando-a feia e ultrapassada.

Diante da necessidade de construir um templo de alvenaria, logo veio o desafio pastoral à igreja. Logo também surgiram os obstáculos. Os vizinhos, por exemplo, não acreditavam que aquele grupo, não tão numeroso, pudesse empreender a construção de um templo definitivo. Note-se que aquela construção foi financiada pelas ofertas desse grupo “não tão numeroso”. Apenas uma pequena parcela dos recursos foi oriunda das ofertas de alabastro.

Em 1975 foi inaugurado o templo atual. Sua construção foi iniciada e concluída no mesmo ano. Como não poderia deixar de ser, as coisas relativas à obra do Senhor sempre enfrentam adversidades e adversários. Se por um lado havia a incredulidade dos vizinhos, por outro havia uma batalha jurídica e burocrática em ebulição.

Uma das exigências para ser beneficiado com a doação do terreno, além de pagar uma taxa simbólica, era construir o templo num prazo determinado. Como vários anos foram transcorridos desde a doação, o Governo notificou a igreja para que o terreno fosse desocupado e devolvido à Terracap (companhia estatal que cuidava desses assuntos). Começava, então, uma longa batalha com inúmeras visitas aos órgãos governamentais e várias reuniões burocráticas. Houve percalços, também, com a demissão de um dos presidentes da Terracap no decorrer da negociação. Tudo isso militava não apenas contra a construção do templo, mas, pior, contra a posse do terreno.

Sem se intimidar ou desanimar, o Rev. José Zito e a Prof^a. Zilta, com o apoio da Junta da Igreja, continuaram firmes nessa batalha. Depois de percorrer as instâncias inferiores, o Rev. José Zito conseguiu marcar uma audiência com o próprio Governador do Distrito Federal. Acompanhado da Junta da Igreja, ele expôs o caso ao Governador que determinou as providências necessárias, pois a igreja já estava de posse do projeto e do dinheiro para a construção.

Depois de meses de angústia e expectativa, repletos de orações e lágrimas, a questão foi resolvida. A igreja continuava com a posse do terreno, mas tinha que construir o templo imediatamente.

O engenheiro responsável técnico que foi contratado para realizar a obra logo enviou máquinas pesadas e operários para o terreno. Os vizinhos que inicialmente não acreditavam na construção, passaram a fazer o registro fotográfico da obra. A construção seguiu em ritmo acelerado, de tal forma que a começaram em fevereiro e a concluíram em novembro de 1975.

Devido à urgência da construção, a planta original do arquiteto foi adotada integralmente. A parte externa não poderia ser alterada. Porém, depois de construído, o Rev. José Zito providenciou alguns ajustes internos (corredores, batistério, vestiários) para que o templo pudesse ter uma melhor funcionalidade. De qualquer forma, a construção do templo foi muito bem feita, pois, depois de trinta anos, ainda está firme e não apresenta sequer rachaduras.

Localizado entre os edifícios residenciais da Superquadra, o templo oferece à igreja e à comunidade um local aconchegante que favorece a intimidade com Deus. Aquele templo é uma verdadeira casa de oração entre as casas do povo.

Após quinze anos de pastorado na Igreja do Nazareno em Asa Sul, o Rev. José Zito foi convidado para pastorear a Igreja de Jardim Leonor, a segunda Igreja do Nazareno na cidade de Campinas, São Paulo. Um novo desafio pessoal e ministerial lhe seria imposto.

Meditação

Mc 12.24: *“Respondeu-lhes Jesus: Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?”*

O conhecimento e o poder, a Palavra e a intimidade com o Senhor devem fazer parte de todos aqueles que almejam ser pregadores, pastores ou missionários. Na verdade, o próprio apóstolo Paulo há muito já nos advertia: *“Como dizem as Escrituras Sagradas: ‘Todos os que pedirem a ajuda do Senhor serão salvos’. Mas como é que as pessoas irão pedir, se não crerem nele? E como poderão crer, se não ouvirem a mensagem? E como poderão ouvir, se a mensagem não for anunciada? [...] Portanto, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo”* (Rm. 10.13-17. NTLH).

Ao observar o estilo bibliocêntrico das pregações do Rev. José Zito, aprendemos o valor do conhecimento da Palavra, que é rica em si mesma! Você, irmã, irmão que está se preparando para ser pregador, pastor ou missionário, deve atentar para esse exemplo, dedicando especial atenção à disciplina de leitura bíblica e elaboração do diário espiritual. A meditação bíblica é o principal meio que Deus usa para orientar e consolar os Seus servos.

Pense um pouco sobre a sua rotina diária. Você tem separado tempo suficiente para a leitura da Palavra e a meditação bíblica? Que parte do dia você reserva para isso, a melhor ou a pior? Que tal fazer um compromisso com o Senhor para melhorar a qualidade e a quantidade de tempo que dedicamos a essa tarefa? Oremos.

O ministério na Igreja do Nazareno em Jardim Leonor

De Agosto de 1983 a Setembro de 1992

DURANTE A SUA HISTÓRIA, a Igreja do Nazareno em Jardim Leonor enfrentou muitas dificuldades no relacionamento com os seus pastores. Antes do Rev. José Zito Oliveira, já haviam passado por lá mais de dez pastores que, em geral, ficavam pouco tempo naquela igreja. Entretanto, o ministério do Rev. José Zito marcou uma mudança no caráter daquela congregação. Ele pastoreou aquela igreja por nove anos.

O Rev. José Zito estava em uma das Assembléias da Igreja em Campinas, quando foi convidado para pastorear a Igreja do Nazareno em Jardim Leonor. Como é bem de seu feitio, ele somente se comprometeu a orar, pois não queria dar uma resposta precipitada sobre um assunto de tamanha importância. Aquele convite o pegou de surpresa, muito embora ele e a Prof^a. Zilta já estivessem sentindo que Deus faria mais uma mudança em suas vidas.

Uma das questões que já haviam predisposto o coração do casal para considerar a mudança era a vida familiar. Como se verificou, na verdade essa era a questão central, pois foi por meio dela que Deus conduziu esta nova

etapa ministerial deles. Os filhos tinham grandes amizades em Campinas e sempre falavam sobre isso. Naquela época, tanto o Rev. Luiz Carlos quanto o Rev. Humberto já estava estudando no seminário. Porém, o motivo mais relevante para essa mudança estava em outra família. O Senhor Jesus tinha um plano para a restauração da família chamada Segunda Igreja do Nazareno em Campinas.

Enquanto o Rev. José Zito pensava e orava, algumas pessoas da sua família especulavam e diziam que ele não aceitaria o convite para se transferir para Campinas. Um dos motivos para essa opinião era que aquela igreja sempre fora considerada problemática por toda a denominação. Os pastores que o antecederam, geralmente permaneciam por apenas um ou dois anos. Além disso, a direção do Distrito daquela igreja já havia cogitado encerrar os trabalhos ali e transferir as pessoas para a primeira igreja de Campinas, a Igreja Central.

Houve uma surpresa geral quando o Rev. José Zito declarou que aceitaria o convite. Surpresa para os familiares, surpresa para a Igreja do Nazareno em Jardim Leonor e surpresa para a Igreja do Nazareno em Asa Sul, que jamais pensara em perder o seu amado pastor.

Para essa transferência, algumas providências tiveram que ser adotadas, incluindo uma divisão familiar provisória. O Rev. Eduardo, que na época ainda estudava em Brasília, teve que morar alguns meses com o Pr. Daniel Leite, que assumiu o pastorado da Igreja do Nazareno em Asa Sul. Uma sobrinha do Rev. José Zito, Fátima, que morava com a família, ficou hospedada com a irmã da Prof. Zilta.

O Rev. José Zito assumiu o pastorado da Igreja do Nazareno de Jardim Leonor em agosto de 1983. O trabalho pastoral naquela igreja, que estava traumatizada pelas constantes trocas de pastores, teve que ser muito amoroso. Esse amor foi necessário principalmente para desfazer a expectativa negativa da própria membresia da igreja. Uma irmã muito otimista disse que ele ficaria ali no máximo três anos, pois não suportaria a situação de uma igreja tão machucada. Além disso, a igreja mal podia pagar-lhe o salário que, note-se, era bem inferior ao que ele recebia na Igreja do Nazareno em Asa Sul.

O Rev. José Zito teve uma preocupação toda especial em suas pregações para não tocar naquele assunto de modo agressivo. Pelo contrário, sempre que necessário eram usadas palavras restauradoras, como quem compreende a dor da igreja e se dispõe a tratá-la. Parecia que o problema era ignorado, mas na verdade o Rev. José Zito simplesmente não deu a esse problema um destaque que pudesse sufocar o seu ministério e o projeto de restauração do Senhor.

Naturalmente, o problema de rotatividade pastoral daquela igreja tinha componentes internos muito sérios. Com a persistência no trabalho, com a chegada de novos convertidos, com o amadurecimento da igreja e com o carinho de alguns irmãos maduros na fé, a situação foi sendo revertida.

Por ser uma igreja bem antiga e estruturada, a Prof^a. Zilta encontrou todos os cargos ocupados e alguns grupos fechados de irmãos. Não havia espaço para ela trabalhar na obra. Buscando ao Senhor em oração, Ele lhe confortou o coração, lembrando que ainda no trabalho secular ela estava Lhe servindo. Além disso, Deus lhe deu uma nova estratégia de trabalho para aquela igreja. Era o trabalho com pequenos grupos, que hoje chamamos de células.

A Prof^a. Zilta formou-se em dois cursos superiores na metrópole de Belo Horizonte; desenvolveu a sua carreira de educadora em Brasília, a Capital da República; e especializou-se profissionalmente nos Estados Unidos. Isso deu a ela uma grande bagagem acadêmica, cultural e profissional, que também foi útil e utilizada em seu ministério.

Seu exemplo de vida, uma aula viva de determinação, sempre foi reconhecido no campo profissional e eclesiástico. Isso despertou uma nova visão sobre o papel das mulheres na comunidade daquela igreja. Corretamente incentivadas e observando o testemunho da vida familiar, ministerial e profissional da Prof^a. Zilta, as moças também começaram a progredir nos estudos e nas suas carreiras profissionais.

Por sua vez, o estilo homilético do Rev. José Zito já estava bem consolidado. A estrutura clássica mostrava toda a sua solidez ao dar o suporte técnico a um grande pregador. O sermão “Tão perto, mas

tão longe” é um alerta para a igreja ainda hoje, assim como o foi em 1986. Desafiando os irmãos a vencerem o comodismo e a vida irregular, ele os convidou – baseado em Mc 12.28-34 – a se moverem pela fé ao encontro com o Senhor, que está pronto para abençoar. Antes disso, ele já havia feito o alerta: é preciso reconhecer-se pecador, converter-se ao Senhor Jesus, consagrar-se a Deus Pai e deixar-se inundar pelo Espírito Santo.

Pleno de menções a passagens bíblicas consagradas, com sabedoria e didática homilética, ele conduziu os irmãos a uma reflexão sobre a situação atual de cada um, ao mesmo tempo em que os convidou e a se aproximarem continuamente do nosso Salvador e Senhor, pois “não estás longe do Reino de Deus”.

As décadas de oitenta e noventa marcaram o Brasil com os graves problemas econômicos, especialmente o da inflação. Em 1990, o Governo aplicou mais um choque econômico na tentativa de debelar a inflação. Nesse choque, conhecido como Plano Collor, todas as contas bancárias foram bloqueadas e a movimentação financeira foi estancada. Com isso, ninguém conseguiria sacar dinheiro acima de um determinado valor, que era muito baixo.

Num ato impensado, sem saber ao certo como proceder, o tesoureiro da época resolveu pagar o salário pastoral com vários cheques bloqueados dos irmãos, relativos a dízimos e ofertas. Ainda atordoado pelo noticiário econômico, ele não percebeu que fazer o pagamento do salário pastoral daquela forma seria uma transferência do problema do caixa da igreja para o bolso do pastor.

Naquela ocasião, o Rev. José Zito estava em viagem. O pagamento, então, foi feito à Prof. Zilta que, de pronto, devolveu os cheques como oferta. Foi quando o tesoureiro entendeu que a sua atitude, além de precipitada, fora insipiente.

A membresia da igreja percebia que eles haviam vindo para realmente ficar na igreja. Aos poucos, a igreja começou a retribuir ao ministério deles com amor e respeito. Essa foi uma igreja pela qual o Rev. José Zito se apaixonou e que correspondeu a esse amor. Era

uma igreja na qual ele se sentia plenamente útil e realizado em seu trabalho pastoral. Um dos seus principais legados é notado no fato de que a igreja passou a ter um relacionamento pastoral maduro e de longo prazo. O pastor que o sucedeu já a pastoreia há quatorze anos!

Quando o Rev. José Zito desafiou a igreja para juntos construírem um novo templo, todos tiveram a certeza de que o projeto pastoral dele e da Profa. Zilta se estenderia por muitos anos. Porém, o maior significado daquela construção foi choque espiritual que ela gerou para aquela congregação. Os irmãos receberam um novo ânimo e uma restauração na auto-estima da igreja.

A construção do templo da Igreja do Nazareno em Jardim Leonor

A igreja crescia em ritmo constante e a capela mal acomodava os irmãos da igreja, por isso, logo haveria problemas para acomodar os novos convertidos. Era necessário construir um templo para aquela igreja. Entretanto, essa não seria uma obra fácil, pois o terreno daquela igreja tem uma particularidade que tornou a tarefa ainda mais complicada: existe um desnível muito grande entre um extremo e o outro do terreno.

Se a igreja optasse por construir o templo na parte mais baixa, teria que ser feito um extenso e dispendioso trabalho de engenharia para calçar os edifícios vizinhos. Naturalmente, a igreja não teria dinheiro para isso, pois a construção do templo seria feita apenas com recursos próprios. Por isso, optaram por construir o novo templo no ponto alto do terreno, o que seria muito trabalhoso, mas em compensação seria feito a um custo menor. Entretanto, não seria possível construir o templo sem antes desmanchar a antiga capela, que serviu à igreja por muitos anos. Muito simples e acanhada, toda feita com um tipo de telha barata e de uso popular, inclusive nas paredes, a capela era muito quente no verão e muito fria no inverno.

Para tornar-se realidade, esse empreendimento exigiu uma grande tarefa de logística. Durante a construção, a igreja teve que realizar os cultos num pequeno salão que havia nos fundos do terreno. Além disso, a Escola Dominical teria que espalhar as suas classes pelo bairro. Os irmãos ofereceram as salas e garagens de suas casas para acomodar as classes. Somente a dos adultos permaneceria no salão da igreja.

Ao tratarem das autorizações para a construção, foi exigida a apresentação da escritura do terreno. Surpresa geral! O terreno não estava escriturado em nome da igreja. Empreendeu-se então uma busca pelos antigos donos e seus herdeiros a fim de regularizar a situação que durava mais de duas décadas. Um fato totalmente imprevisível que, felizmente, teve um desfecho positivo.

Após acumular uma boa reserva financeira, a igreja deu início às obras. Porém, a época no Brasil não era muito propícia para isso. A década de 1990 herdou da década anterior o problema da inflação alta e crônica. Mês a mês, os salários perdiam seu poder de compra porque os preços dos alimentos, dos aluguéis, dos transportes, das roupas etc. eram remarcados sempre. Isso também atingia os serviços de mão-de-obra e os materiais de construção.

Nessa época, ninguém deixava dinheiro em caixa. Tudo era aplicado no mercado financeiro. Em poucos anos, a maioria das pessoas da classe média entendia tão bem de mercado financeiro quanto de futebol. Uma aplicação comum era a do *overnight*, em que as pessoas deixavam o seu dinheiro “dormir” no banco. Isso representava um pequeno ganho financeiro que minimizava os efeitos da inflação.

Assim, todo mundo fazia de tudo para receber os produtos e serviços na hora, mas também queriam fazer os pagamentos no dia seguinte, para que o seu dinheiro “dormisse” mais uma noite no banco.

Apesar do risco financeiro, não havia outra opção. Era preciso construir o templo. A primeira fase da obra foi a construção do alicerce. Desde que pastoreou a Igreja do Nazareno em Sobradinho, o Rev. José Zito sabia da importância de um alicerce bem feito.

A empresa contratada era especializada nesse tipo de serviço, que deveria ter sido feito em pouco tempo. Porém ela demorou mais de dois meses para concluir o alicerce, devido a um intenso período chuvoso em Campinas. Se, por um lado, havia o transtorno de as pessoas da igreja ficarem mal acomodadas no salão provisório, por outro, havia o ganho financeiro com a obra, que fora contratada por preço certo e irrealizável. O dinheiro da igreja estava “dormindo” no banco e gerando mais dinheiro. Enquanto a obra estava em ritmo lento, por causa das chuvas, a tesouraria da igreja investia o dinheiro no mercado financeiro. Quanto mais a empresa demorasse para terminar o serviço, mais a igreja ganharia. Por fim, concluíram o alicerce, a obra foi paga e ainda sobrou dinheiro.

Infelizmente, essa construção deixou uma nota de frustração. Em certa ocasião, um dos mestres de obra pediu um adiantamento, pegou o dinheiro e desapareceu. A frustração poderia ter sido menor, não fosse o caso de aquele mestre de obras ser um “irmão” crente de outra igreja. Ao lembrar esse episódio, o Rev. José Zito comentou que são justamente os irmãos que nos decepcionam. “Que coisa terrível!”, exclamou ele. Nesse período, em que a obra quase parou por falta de profissionais, as crianças da igreja transformaram os montes de areia em um verdadeiro parque de diversões.

O desafio, então passou a ser como continuar a obra, pois tentaram contratar outros profissionais, mas sempre havia um empecilho. Finalmente, alguns irmãos da igreja que já estavam aposentados, prontificaram-se a terminar a obra. Eles ofertariam o trabalho e a igreja compraria o material.

Logo no reinício dos trabalhos, esses irmãos, que não eram pedreiros profissionais, ganharam um novo ajudante: o próprio Rev. José Zito que, literalmente, colocou “a mão na massa” para ajudar a terminar a construção. Seguindo o projeto do arquiteto, aqueles irmãos concluíram a parte da frente do templo.

Enquanto as obras avançavam, o salão dos fundos do terreno parecia diminuir a cada dia. Terminar aquele templo se tornava uma

questão prioritária para a Igreja do Nazareno em Jardim Leonor. Assim que o telhado foi concluído, iniciaram-se os cultos no templo ainda em construção. Entretanto, como faltavam os vidros das janelas, no inverno as pessoas tinham que usar vários agasalhos ou levar cobertores para se aquecerem durante o culto.

Na verdade, o desafio para aquela construção foi dar um passo de fé com boa dose de ousadia, pois a igreja não tinha condições financeiras de empreender aquela obra. Isso, porém, revelou-se como um poderoso instrumento de transformação da realidade da igreja como um todo. Pode-se dizer que o ministério do Rev. José Zito ali, marcado por aquela construção, definiu a mudança na auto-imagem da igreja e na forma como ela passou a se desenvolver.

No dia sete de setembro de 1992, o templo da Igreja do Nazareno em Jardim Leonor foi inaugurado, ainda que não totalmente concluído. Um dos motivos para essa inauguração antecipada é que naquele dia o Rev. José Zito estaria se aposentando e o novo pastor da igreja iria assumi-la. Foi uma cerimônia tríplice que marcou três eventos muito importantes para a vida da igreja de Jardim Leonor.

Naquela belíssima cerimônia, ouviu-se o testemunho do Rev. Robert Thomas Collins, um dos missionários que vieram para o Brasil no início da década de sessenta. Ele lembrou com emoção de que participou da construção da antiga capela e, naquele momento, também estava presente na inauguração do templo. Fez-se uma menção especial ao Rev. Mosteller, que foi uma das pessoas que ofertaram para a construção daquele templo.

O processo sucessório na Igreja do Nazareno de Jardim Leonor

Passados nove anos à frente daquela igreja (1983 a 1992), o Rev. José Zito enfrentou um novo desafio: mudar-se novamente. Esse simples fato ganha contornos engraçados depois que ficamos sabendo

que ele não gosta muito de mudanças de residência. Durante aqueles nove anos de pastorado, foram três dolorosas mudanças de casa.

Um dos motivos pelos quais ele não gosta de mudanças de casa é que, além das providências que envolvem qualquer mudança, gasta-se muito dinheiro, seja por que algumas coisas se perdem, seja por que outras se quebram, ou seja por que outras têm que ser compradas para a nova casa. Essas três mudanças ocorreram porque a Igreja do Nazareno em Jardim Leonor não tinha uma casa pastoral, a exemplo do que o Rev. José Zito encontrou em Sobradinho e em Asa Sul.

Agora, viria mais uma mudança. Dessa vez, porém, seria uma mudança mais profunda: seria a sua aposentaria. Apesar de ter quase setenta anos, ainda se sentia em pleno vigor físico, intelectual e espiritual.

Essa não foi uma decisão muito fácil como pode parecer, pois no fundo ele não queria aposentar-se, tendo em vista que gostava muito daquela igreja. Na verdade, a própria igreja também não queria que ele deixasse o pastorado. Apesar de não querer voltar para Brasília, a questão familiar foi preponderante para a sua decisão. Isso demonstra o valor da vida familiar para esse servo de Deus.

Praticamente toda a família já havia voltado para Brasília. O Rev. Luiz Carlos estava pastoreando a Igreja do Nazareno Central de Brasília desde 1988 e o Rev. Eduardo estava pastoreando a Igreja do Nazareno em Asa Sul desde 1990. Logo depois disso, a sua filha Ruth foi aprovada em um concurso público e veio lecionar em Brasília. Como a maioria dos filhos estava em Brasília, a Prof^a. Zilta frequentemente viajava para visitá-los. Diante disso, o Rev. José Zito achou por bem aposentar-se para acompanhar a família.

Iniciado o processo sucessório, foi indicado o nome de um pastor para ser analisado pela Junta da Igreja. Essa indicação, porém, não teve o apoio do Rev. José Zito. O motivo não era espiritual, doutrinário ou acadêmico; era familiar. Naquela ocasião, o Rev. Humberto já havia concluído seus estudos no seminário e já pastoreava a Igreja do Nazareno em Jardim Nova Europa há algum tempo. Apesar

das suas excelentes qualificações, o Rev. José Zito não queria que seu filho assumisse em seu lugar.

Por fim, foram analisados outros nomes e seguiu-se à votação, Seu voto foi vencido e a igreja formalizou o convite. Na verdade, foi uma escolha acertada tendo em vista que o Rev. Humberto pastoreia com notório sucesso aquela comunidade desde 1992. A igreja tem crescido não apenas em sua área construída, mas – principalmente – na sua área espiritual, pois o templo fica lotado com os irmãos novos convertidos. Esse é o motivo de a igreja estar sempre em obras!

Naquele dia repleto de emoções, uma cena ficou marcada na memória de todos. Ao fazer a transição pastoral, o Rev. José Zito e o seu filho, Rev. Humberto, trocaram um longo e afetuoso abraço. Mais do que a simples transferência da responsabilidade de uma igreja, estava a transferência de um legado familiar, de uma unção pastoral. De pastor para pastor, de pai para filho, foi passada a missão de pregar o evangelho e de cuidar do rebanho do Senhor.

Meditação

Mt 7.24-25: *“Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha”.*

Casa pequena, casa grande; casa branca, casa amarela. Todos têm em sua mente um modelo de casa. Por esse motivo, o exemplo que Jesus Cristo usou é fácil de ser entendido por qualquer pessoa. Tal qual uma casa, a vida de um homem de Deus é construída aos poucos, tijolo por tijolo. Sem exceção, no entanto, a vida de um verdadeiro homem de Deus tem que ser construída sobre a Rocha Eterna, que é o nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo.

Ao recordar os templos que o Rev. José Zito construiu, junto com as respectivas igrejas, e também a sólida vida pastoral dele, somos desafiados a pensar em nossa própria vida e ministério.

Reserve agora alguns minutos para uma oração silenciosa. Coloque sua vida diante do Pai e peça que Ele esquadrinhe o seu coração. Verifique se realmente sua vida está firmada sobre a Rocha, que é Cristo. Pense nas paredes da sua vida (familiar, profissional, educacional, financeira, ministerial etc.) e confira se todas elas estão sendo construídas no prumo? Apresente-se em oração ao Pai. Ore agora.

O ministério após a aposentadoria

A partir de Setembro de 1992

CONSIDERADO SOMENTE o seu tempo de pastorado titular, com início na Igreja do Nazareno em Sobradinho, em 1962, até a sua aposentadoria na Igreja do Nazareno de Jardim Leonor, em 1992, foram trinta anos de um ministério muito produtivo. Atualmente ele ainda serve ao Reino de Deus sendo o Capelão dos Pastores do Distrito Centro-Oeste. Se somarmos o tempo do ministério como pastor auxiliar e o do ministério atual, ao todo, são quase cinquenta anos servindo ao Senhor por meio da Igreja do Nazareno.

Falando sobre a situação de um pastor aposentado, o Rev. José Zito disse que o pastorado não pára, pois o chamado de Deus é permanente. O pastor aposentado continua na obra de Deus, sendo que a única diferença é que ele não tem a responsabilidade de uma igreja. Por outro lado, isso permite que o pastor aposentado ajude as congregações, igrejas e seminários de uma forma mais flexível.

Ao todo, o Rev. José Zito, com as suas respectivas igrejas, construiu três templos (Sagrada Família, Asa Sul e Jardim Leonor). Nor-

malmente, ao construir um templo novo, as equipes fazem também a casa pastoral. Hoje, ao analisar essa questão, o Rev. José Zito conclui que ter a casa pastoral junto ao prédio da igreja só é bom para a denominação, pois isso é ótimo em termos de redução de custos. Mas para o pastor e a sua família, morar junto à igreja causa um grande prejuízo para a privacidade familiar. Em casos especiais, como por exemplo, no início de um novo trabalho, isso pode ser viável, pelo fato de o pastor e a sua família estarem em contato direto e cotidiano com a comunidade do local da igreja. Mas isso não pode se tornar uma regra. Na verdade, ao construir os templos, as igrejas deveriam projetá-los considerando as futuras ampliações.

Apesar das dificuldades, o Rev. José Zito nunca se queixou das congregações que o Senhor Jesus lhe concedeu para que as pastoreasse. Mas cada uma deixou a sua marca. A de Alto dos Pinheiros marcou por ter sido a primeira. Havia o desafio pessoal e denominacional para que aquela congregação se tornasse uma igreja de auto-sustento.

A congregação em Sobradinho marcou por causa das grandes dificuldades daquela época. Para exemplificar a precariedade da situação local, rememoremos um fato curioso. Na ocasião de uma das suas visitas a Brasília, o Rev. Mosteller enviou com antecedência um telegrama anunciando a sua viagem. Note-se que esse era o meio de comunicação mais rápido depois do telefone. Ocorre, porém, que naquela época os telefones ainda não haviam sido instalados em Sobradinho. Surpreendentemente, a família Mosteller chegou antes do próprio telegrama!

A congregação de Sagrada Família marcou pela transformação espiritual e social que o povo experimentou em tão pouco tempo. A de Jardim Leonor marcou pela quebra do histórico de pastores rejeitados, pois aquela congregação o conquistou e foi conquistada por ele. Analisando aquela situação, o Rev. José Zito acha que dar continuidade a uma igreja que já está estabelecida exige mais cuidado e habilidade, comparando-se com uma nova igreja.

Um dos motivos disso, é que quando o pastor organiza a igreja desde o seu começo, ele tem a oportunidade de discipulá-la ao seu modo. É uma situação que se compara, grosso modo, com a formação de uma criança. A que nasce num lar e é criada pelos próprios pais normalmente recebe carinho, afeto, educação. Porém, na maioria dos casos em que a criança é adotada, ela já vem com uma ou outra experiência que a traumatizou, como a rejeição, por exemplo. Nesse sentido, a congregação em Asa Sul o marcou por ter sido uma igreja que nasceu em seus braços.

Falando sobre a nova geração de pastores, o Rev. José Zito observa que o momento de hoje é muito melhor do que aquele em que ele começou o seu ministério. Um dos fatores para isso é que hoje os pastores podem ser mais bem preparados e capacitados, tanto do ponto de vista teológico, quanto do ponto de vista da experiência e da estrutura eclesial. Também conta a favor, os bons líderes nacionais que zelam pela perpetuação dos valores essenciais (também chamados de valores medulares, *core values*) da Igreja do Nazareno. Eles são responsáveis por incentivar os novos ministros.

Ao resumir a sua vida ministerial até aqui, ele disse: “uma coisa boa é ser pregador da Palavra de Deus”. Tal qual na dinâmica da vida, o final da carreira ministerial é bem diferente do seu começo. As pregações do Rev. José Zito, por exemplo, incorporaram-se com o peso da experiência homilética e se refinaram como resultado do seu trabalho pastoral e evangelístico.

Pastorear – diz o Rev. José Zito – exige que a parte teórica, dos estudos e das leituras, ande junto com a parte prática. É a cumplicidade das duas partes que coopera para a maturidade do pastor e para o aperfeiçoamento das suas pregações.

Na tarefa pastoral, também é preciso entender a forma de agir das pessoas e se adaptar aos mecanismos de evolução da sociedade. Um exemplo disso foi a seqüência de fatos ocorridos em duas congregações de duas cidades culturalmente muito diferentes e em duas épocas bem distintas.

A primeira aconteceu na Igreja do Nazareno em Asa Sul, no início da década de 1970. Uma irmã resolveu ir à igreja usando calças compridas, que era uma “novidade” para as igrejas evangélicas da época. Para manter a ortodoxia da liturgia protestante, o Rev. José Zito admoestou aquela irmã, pois a vestimenta correta para prestar um culto ao Senhor seria uma saia. Uma década depois, na Igreja do Nazareno em Jardim Leonor as irmãs usavam calças compridas ao irem para os cultos sem a oposição do pastor. Tamanha variação numa orientação tão simples tem suas explicações.

Em Asa Sul, era o padrão austero da época que ditava o código de vestimenta para os cultos. Na verdade, era um código não escrito, mas totalmente conhecido por todos os evangélicos de Brasília. Em Jardim Leonor, bairro conhecido por suas ventanias constantes, foi a geografia que ditou o código de vestimenta.

A capela da igreja ficava no alto de uma escadaria. Quando ocorria a conjunção da escadaria com a ventania, o que era freqüente, as saias das irmãs – casadas ou solteiras, jovens ou idosas – voavam ao sabor do vento sem a menor cerimônia. Isso, porém, gerava um forte constrangimento para elas. Diante disso, foi reconhecida a necessidade do uso de calças compridas. Ao mesmo tempo, o uso de calças compridas por parte das mulheres já era totalmente difundido na sociedade na década de 1980. Assim, tanto fatores culturais, quanto situações particularizadas levam a uma revisão de costumes e ritos eclesialísticos.

Discípulos enviados ao seminário

Do pastorado do Rev. José Zito surgiram vários pastores. Da Igreja do Nazareno em Asa Sul, apesar de ser uma igreja de pequeno porte, o Rev. José Zito levantou seis pastores. Dentre eles, destacam-se o seu filho Rev. Luiz Carlos, o Pr. Marcos Campos, que é pastor

Batista no Guará, outra cidade-satélite de Brasília, e o Pr. Alberto José dos Campos, que é pastor no interior do Estado de Goiás. O Rev. Humberto e o Rev. Eduardo foram para o seminário quando o Rev. José Zito pastoreava a Igreja do Nazareno em Jardim Leonor.

Porém, alguns outros foram beneficiados com a generosidade e a visão de Reino do casal Oliveira. Frequentemente eles pagavam algumas mensalidades dos seminaristas que estavam enfrentando problemas financeiros mais sérios. Da mesma forma com que o próprio casal foi abençoado pelo Senhor, das formas mais diversas e por meio de várias pessoas, eles sabiam como era importante estar com o coração e os bolsos abertos para investir naqueles que futuramente iriam (e, de fato, hoje estão a) pastorear o rebanho do Senhor. Eles sabiam o que era entregar tudo nas mãos do Senhor e viver pela fé.

Reconhecimentos

Em 1992 durante a tríplice cerimônia de inauguração do templo da Igreja do Nazareno em Jardim Leonor, de aposentadoria do Rev. José Zito e de posse do Rev. Humberto, realizou-se uma homenagem ao Rev. José Zito. Estavam presentes o Rev. Collins e sua esposa, Dona Frances; o Rev. Lázaro Aguiar Valvassoura, além de outras personalidades da Igreja do Nazareno no Brasil.

O Rev. Aguiar, como é mais conhecido, lembrou com carinho que a sua decisão definitiva em servir ao Senhor ocorreu em um retiro de jovens, durante a pregação do Rev. José Zito. Ao contabilizar os trinta anos de conhecimento mútuo, ele destacou que “o Rev. José Zito é um homem de convicções imutáveis e também é um homem de santidade inquestionável”.

Concluíram as homenagens com a entrega de placas comemorativas e com o descerramento da placa que marca a inauguração do templo. Nela está registrado para a posteridade:

“Pela fé, dedicação e consagração do homem de Deus, Rev. José Zito Oliveira, e sua esposa, Dona Zilta Rocha de Carvalho Oliveira, este templo foi construído e foi inaugurado. Somos eternamente gratos. Agradecemos também a todos que direta ou indiretamente colaboraram com esta obra. A Deus, toda honra e toda glória, pois se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam. Igreja do Nazareno – Jardim Leonor – Campinas. 7 de setembro de 1992”.

Em 2001, estiveram em Brasília o então Superintendente-Geral com jurisdição nas Américas, Rev. Jimmy Lee Bond e sua esposa, Dona Sara, ex-missionários dos anos setenta no Brasil. Durante um retiro com todos os pastores do Distrito Centro-Oeste, o Rev. Jim Bond falou de sua admiração pelo Rev. José Zito. Ele disse que quando ainda era um jovem estudante, nos Estados Unidos, ouviu falar daquele pioneiro Nazareno que chegou ao Brasil antes mesmo dos próprios missionários. Sem meias-palavras, ele disse que o Rev. José Zito havia sido um desafio para a sua vida cristã e seu ministério naqueles primeiros anos de sua juventude, pois era um verdadeiro herói da fé. Revê-lo, então, havia sido uma grata surpresa; uma bênção!

Em 2002, a Câmara Legislativa do Distrito Federal conferiu ao casal Rev. José Zito Oliveira e Prof.^a Zilta Rocha de Carvalho Oliveira o título de cidadãos honorários de Brasília. A solenidade de outorga desse título ocorreu no templo da Igreja do Nazareno em Asa Sul, em 25 de maio de 2002. Isso foi o reconhecimento do Estado aos relevantes serviços religiosos, educacionais e sociais que esse casal prestou à sociedade brasileira.

Ainda em 2002, as Igrejas do Nazareno em Asa Sul e a Central de Brasília celebraram o seu 80º aniversário.

Em 20 de abril de 2005, o casal Oliveira recebeu diploma e medalha de Honra ao Mérito de Pioneiro, por terem se distinguido como uns dos líderes na construção e consolidação de Brasília como capital de todos os brasileiros. Essa homenagem foi promovida pelo Clube dos Pioneiros de Brasília.

Também em 2005, a Igreja do Nazareno em Jardim Leonor, durante o culto missionário, destacou as missões da igreja nas ilhas de Cabo Verde. Aproveitaram para homenagear o Rev. José Zito e a Profª. Zilta pelo seu ministério. O Rev. Humberto de Carvalho Oliveira leu a seguinte crônica em homenagem aos seus pais, transcrita com autorização:

“O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor” (Pv 16.1)

Dezembro de 1922. Nascia, numa terra distante, cercada por mares, quase imperceptível no mapa *mundi*, mais um grande homem que haveria de descobrir os planos de Deus para a sua vida.

Do norte da África, nas longínquas terras de Cabo Verde, José Zito, ainda criança, sonhava com a possibilidade de conquistar o mundo. Como todo cabo-verdiano, o sonho de ir era mais importante do que o de ficar. Talvez tenha sido por esta razão que, ainda moço, decidiu assumir o posto no topo de um farol para, com certeza, sonhar com os horizontes infinitos da vida além-mar.

O tempo passava. Um belo e formoso jovem conquistava os corações das “moçoilas” cabo-verdianas, até o dia em que ele deixou-se conquistar por um grande amor, o amor de Jesus Cristo, ao entrar pelas portas de uma pequena Igreja do Nazareno. A transformação foi rápida. Uma nova criatura nascia das trevas para luz, num impacto fulminante que só a conversão pode proporcionar.

O chamado para o ministério era iminente, a chama ardia no coração de um sonhador, mas que frustração! O seminário Nazareno só aceitava jovens casados e ele ainda não havia encontrado a sua prometida. Mas, “vamos lá, ó raios, não desanimemos!”. O jovem começou a estudar através de livros emprestados por um outro homem visionário, Rev. Earl Mosteller, que na época era o Superintendente da denominação em Cabo Verde.

Um dia, uma notícia encheu seu coração: “nosso seminário nazareno da Argentina irá aceitá-lo para os estudos teológicos”. Mais do que depressa, as malas foram feitas e ele embarcou para a

Argentina. Mas Deus não o queria lá. Seu visto de entrada foi negado pelas autoridades argentinas depois que o navio havia aportado. (Ufa! Graças a Deus. Já imaginaram o Pr. Humberto dizendo: “arriba hermanitos”?).

Navio vai e navio vem. Em 1956, deportado para Portugal, o jovem não deixou de lutar pelos seus sonhos, decidiu então vir para o Brasil, mas havia um pequeno problema, não existia Igreja do Nazareno em terras tupiniquins. Mal sabia ele que isto fazia parte dos planos de Deus. Durante algum tempo, frequentou uma igreja Presbiteriana para manter sua fé viva, até receber uma notícia dos Mostellers: “Estamos chegando para abrir a Igreja do Nazareno no Brasil e precisamos de ti”.

1958. Iniciou-se o trabalho da nossa denominação. O primeiro seminarista era exatamente o jovem sonhador e lutador de Cabo Verde. Era uma turma de apenas dois. Um logo desistiu, mas ele ficou firme como uma rocha. Rocha! Isto nos lembra alguma coisa! A falta de pastores no campo o fez assumir o ministério no segundo ano de teologia. Ele foi enviado para a brasileiríssima terra de Minas Gerais, onde “quem a conhece não esquece jamais”!

Foi ali em meio a pães de queijo, queijo com goiabada, tutu de feijão, que uma Rocha entrou em seu caminho. Esta era uma “rocha” preciosa, a prometida, separada por Deus para ser uma bênção. Zilta era professora do colégio Metodista. Moça crente, também sonhadora e pronta a satisfazer os desejos do chamado missionário de Deus para a sua vida.

Todo grande homem necessita de uma mulher virtuosa, cheia do poder de Deus para lhe acompanhar. Vem o casamento (1962), os filhos nascem, pela ordem: Luiz Carlos (1963), Humberto (1964), Ruth (1965) e Eduardo (1966).

Muitas são as obras que Deus realizou através deste casal:

- . Fundação da Igreja do Nazareno em Brasília e da primeira escola cristã evangélica na capital do país;
- . Estruturação do trabalho da Igreja na cidade de Belo Horizonte;
- . Construção de templos, como este da Segunda Igreja do

Nazareno em Campinas, que anteriormente era apenas uma capelinha de telhas;

- . Quantos foram os aconselhamentos pastorais, as noites mal dormidas, os tempos de dificuldades e lutas financeiras;
- . Entre muitas outras façanhas ministeriais.

Mas o maior legado destes dois servos são os filhos: três homens pastores e uma filha líder de igreja local. Da Oliveira extraiu-se o óleo derramado sobre a Rocha aos pés de um Carvalho, concedendo ao mundo a verdade que Deus tem um plano maravilhoso para todos aqueles que o amarem de coração.

Obrigado Senhor, por estas duas vidas preciosas que concedestes a nós”.

Em julho de 2006, o Rev. José Zito teve a oportunidade de rever um velho companheiro de ministério e um de seus pastores no Brasil, o Rev. Charles Gates e seu filho, Rev. Greg Gates. Eles foram a Brasília participar da campanha de aniversário da Igreja do Nazareno na Ceilândia. Foi um tempo de gratas recordações, recheadas com a alegria de ver os respectivos filhos exercendo o pastorado e dando continuidade ao trabalho que eles começaram no Brasil há cinquenta anos. (O Rev. Greg Gates é pastor da Igreja do Nazareno em Watertown, NY, nos Estados Unidos).

Ainda em 2006, mais uma linda homenagem. Em novembro, um ex-aluno da Escola Classe Nazarena em Sobradinho lançou um livro em que homenageia várias mulheres. Com carinho, ele lembrou das lições de vida aprendidas com a Prof^a. Zilta, que era a Diretora da Escola quando ele era estudante, há mais de quarenta anos. “Mulher enérgica e competente. Foi nossa Diretora linha dura”, escreveu o ex-aluno com ares de quem tinha pelo que temer e responder (à época). Hoje aposentado (advogado e servidor do Poder Legislativo), ele declarou-se muito agradecido e mencionou como as lições do casal Oliveira foram importantes para a formação do seu caráter e da sua personalidade: “serviram e ainda hoje servem para o nosso bem”.

Influência sobre os novos pastores

Hoje, mesmo aposentado, o Rev. José Zito continua a exercer sua influência positiva sobre a nova geração de pastores. Não apenas pregando nas igrejas ou ensinando no seminário, mas como um exemplo vivo de servo consagrado ao Senhor Jesus. Dedicado ao ministério por meio da Igreja do Nazareno, ele vive a santidade que prega e é reconhecido por isso.

O Rev. Eduardo, seu filho caçula, diz que uma das características do seu pai que ele tem admirado nesse período pós-aposentadoria, é que mesmo com toda a sua experiência, o Rev. José Zito respeita totalmente o pastorado dos seus três filhos. Quando solicitado a prestar um aconselhamento pastoral, ele o faz de forma leve e agradável. Ele é, sem dúvida, um referencial de vida e ética cristãs. Homem de poucas palavras, o Rev. José Zito diz sempre: “falo pouco para ser ouvido, para não ter que dizer a mesma coisa duas vezes”.

Ele e a sua esposa formam um casal que se admira reciprocamente. A Prof^a. Zilta ressalta as seguintes características no Rev. José Zito: ele é constante, na vida, na pregação, no caráter. Depois que foi transformado por Jesus, ele é o que é. Independente de situações econômicas, igrejas, cidades, em casa ou fora de casa, ele sempre preservou a sua firmeza e dignidade. Ele não desanima.

Ao aconselhar as pessoas que querem ser pregadores, pastores ou missionários, eles lembram que é preciso buscar uma vida de santidade e unção, porque a obra de Deus é algo muito sério. Uma coisa a ser evitada são as decisões motivadas por causas emocionais ou desejo de aventura. É preciso lembrar que a obra de Deus se faz em qualquer lugar, sendo, ou não, pregador, missionário ou pastor. Também é preciso alcançar a maturidade necessária para distinguir o gosto pela aventura do chamado propriamente dito.

Um exemplo que também serve para influenciar positivamente a vida dos pregadores, pastores e missionários é o cuidado que o Rev.

José Zito tem com a sua saúde. Diariamente ele caminha cerca de cinco quilômetros. Além de fazer bem para o corpo e para o aspecto físico, essa caminhada tem um importante fator de comunhão com Deus. É um tempo para orar, para elaborar mentalmente os sermões, para fazer planos e projetos para o futuro, para louvar e adorar ao Senhor, para interceder pelos discípulos.

O estilo homilético

Quando uma pessoa próxima a ele comentou sobre o estilo homilético do Rev. José Zito, disse que não mudou nada. De fato, analisando-se alguns modelos de esboços, não precisamos nos esforçar para perceber que todos têm a mesma estrutura básica. Um texto bíblico com uma lição prática para a vida cristã ou para o evangelismo; uma introdução que ilustra a mensagem a partir de outras passagens bíblicas; o desenvolvimento do sermão em três tópicos; o quarto ponto como conclusão e desafio a uma ação imediata.

Usada com sabedoria, essa estrutura permitiu que ele navegasse com desenvoltura e eloquência sobre os mais diversos temas. Sempre atento às necessidades espirituais do seu rebanho, ele usou os sermões como verdadeiros instrumentos de promoção das eternas verdades bíblicas. Ao optar pelo estilo bibliocêntrico, com a obra redentora de Jesus Cristo e a obra consoladora do Espírito Santo como destaques, ele teve um campo seguro para falar, ensinar, exortar e discipular os fiéis rumo à santidade de vida que Deus, o Pai, requer.

Uma de suas mensagens após a aposentadoria tem o título de “Negar-se a si mesmo”. Que tema! Que desafio! Ao admoestar os ouvintes contra a religiosidade farisaica que sorrateiramente assola as igrejas evangélicas, ele alertou tanto para o perigo do conhecimento superficial da Palavra quanto para a rotina irracional dos simples frequentadores de templos, pois ambos perecerão se não tiverem a

salvação por meio de Jesus Cristo. O texto de Lc 9.23-27, usado no sermão de 1998, traz o desafio que muitos também não toleram hoje em dia, pois preferem a segurança intelectual à certeza da fé; preferem o conforto dos bancos das igrejas, ao confronto de serem novas criaturas neste mundo tenebroso corrompido pelo pecado.

Que tema! Que desafio para os novos pregadores, pastores e missionários! Tendo posto a mão no arado, não se pode olhar para trás (Lc 9.62); ao lançar-se ao campo, é preciso negar-se a si mesmo!

Você, que está se preparando para o ministério pastoral, missionário, evangelístico reserve um tempo para meditar nas duas passagens acima. Reveja os motivos que te levaram a aceitar essa missão. Eles são realmente dignos do Senhor? Eles realmente glorificam a Jesus? Você está realmente disposto a tomar a sua cruz pela causa de Cristo? Responda em oração ao teu Salvador.

Que haja abundância de frutos em suas mãos, pois a semente é o Evangelho (Lc 8.11) que salva, restaura, edifica, consola, transforma o perdido e o aflito.

A visita recente a Cabo Verde - dezembro de 2005

Quarenta e nove anos separaram a saída de Cabo Verde e a sua visita mais recente, em dezembro de 2005, que ele fez em companhia de seu filho Rev. Luiz Carlos. Entre essas duas datas, ele fez apenas uma outra visita em 1997. Portanto, os longos anos entre essas visitas proporcionaram-lhe uma boa condição de observador externo.

Uma característica marcante de Cabo Verde é que há mais cabo-verdianos fora do que dentro do seu país. Uma das razões para isso se deve ao fato de que o arquipélago não oferece condições de desenvolvimento para toda a sua população. Quando os jovens entram na fase adulta, logo buscam uma possibilidade para emigrar, a exemplo do que ocorreu com o Revd. José Zito, mas por outros motivos.

Por outro lado, os cabo-verdianos têm uma ligação sentimental muito forte com a sua pátria. Esse sentimento é alimentado pelo sonho de se aposentar e voltar para o seu país. Isso é muito comum, especialmente entre os que emigraram para os Estados Unidos ou para a Europa. Depois de anos de trabalho árduo, eles voltam para Cabo Verde e investem suas economias comprando casas e fazendas, principalmente. Buscam uma vida mais calma e confortável em sua terra natal. Atualmente a vida em Cabo Verde é assim, tendo condições, é um ótimo lugar para se viver. Principalmente porque não há preocupação com assaltos e criminalidade, por exemplo.

Cabo Verde só alcançou sua independência em 1975. Ao lembrar daqueles anos de tremendas dificuldades econômicas e sociais, o Rev. José Zito conclui expressando uma sensação de que os poderosos tiravam proveito em deixar as coisas atrasadas em Cabo Verde. Não queriam ver o progresso, nem ao menos emancipá-lo. Na ilha de Santo Antão, onde o Rev. José Zito nasceu, não havia luz elétrica. A iluminação nas casas era feita com candeieiros a querosene. Também não havia gás para cozinhar. Os alimentos eram preparados em fogões à lenha. Só havia telefone no posto dos correios.

Após a independência, começou um período de progresso que muito beneficiou o povo em geral. Isso foi percebido logo na visita de 1997. Atualmente as casas têm luz elétrica, gás para cozinhar, telefone. Até mesmo nas áreas rurais já chegaram os postes que levam a energia elétrica para movimentar máquinas e equipamentos.

Por outro lado, na parte espiritual ainda não se verifica muita diferença. O Rev. José Zito compara as igrejas do Brasil e as de Cabo Verde dizendo que as igrejas no Brasil são mais agitadas e ativas, tanto na liturgia do culto quanto no trabalho evangelístico. As de Cabo Verde, por sua vez, parecem ter optado por um estilo de vida eclesiástica mais tradicional e pacato. Isso pode ter influenciado a forma pela qual o povo demonstra a sua espiritualidade, que é mais contemplativa e reflexiva. Porém a mensagem de santidade ao Senhor é a mesma.

Digno de nota é o fato de que Cabo Verde cedeu vários pastores ao Brasil. Alguns deles ainda servem ao Senhor na nossa pátria, outros, que já partiram para a eternidade, deixaram seus filhos no ministério. Outros pastores cabo-verdianos foram enviados para comunidades de língua portuguesa ao redor do mundo. Pode-se dizer que Cabo Verde é um celeiro de pastores de santidade. Aquele mesmo “farol de santidade”, aceso pelo missionário Rev. João José Dias, e registrado na Assembléia de 1908, ainda brilha em meio ao Atlântico.

Breve carta a um jovem pastor

Outubro de 2006

“CARO pregador, pastor, missionário,

Não existe nada melhor do que ser mensageiro da Palavra de Deus. Os versículos de 1ª Coríntios 1:21 e 2:14 atestam dessa loucura que é a sabedoria de Deus.

O segredo para o mensageiro ser bem sucedido é:

- entregar-se sem temer;
- viver sem reclamar;
- aceitar sem duvidar;
- pregar sem desistir.

Em tudo e sobretudo não te transformes em bispo ou sacerdote. Seja sempre um profeta (Provérbios 29:18).

Não viva segundo os modelos humanos, porque pecado é não sermos semelhantes a Jesus.

Lança-te na obra e não desvies os olhos do Mestre (Lucas 9:62).

Do menor dos teus irmãos,

José Zito Oliveira

Referências bibliográficas

- IGREJA DO NAZARENO. Centro de Formação Missionária. Campinas, São Paulo. <<http://www.igrejadonazarenobrasil.org/cfm/>>. Acesso em set. 2006.
- _____. Departamento de Missões Mundiais. Kansas City, EUA. <<http://www.nazareneworldmission.org/>>. Acesso em set. 2006.
- _____. Distrito Cabo Verde. <<http://www.nazareno-cv.org/>>. Acesso em set. 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em set. 2006.
- MOSTELLER, Earl Elwood. **Cape Verde travelogue**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1958. 80 p.
- _____; GATES, Charles Wise e DENTON, William Ronald. **Brazil diary: glimpses into our missionary adventures during beginning days in Brazil**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1961. 95 p.
- MOURA, João Erismá de. **Essas mulheres maravilhosas**. Brasília: Thesaurus, 2006. 152p.
- OLIVEIRA, Luiz Carlos Rocha. **História da Igreja do Nazareno no Brasil**. Seminário e Instituto Bíblico da Igreja do Nazareno. Campinas, [1993?]. Apostila.
- PARKER, J. Fred. **Mission to the world: a history of missions in the Church of the Nazarene through 1985**. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1988. 681 p.

“Coisa boa é ser pregador da
Palavra de Deus”

Rev. José Zito Oliveira

“Good thing is to be a preacher of the
Word of God”
Rev. José Zito Oliveira